

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

DIRECTORA: NASSALETE MIRANDA | 26 OUTUBRO DE 2011 | Nº61 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE ÀS QUARTAS

ISSN: 1647-290X



“É gratificante saber que admiram o Português”

LUSOFONIA // O novo assessor cultural do Centro Lusófono Camões na Rússia tem como objectivo maior a divulgação da Língua Portuguesa. Ao As Artes entre As Letras, Adeldo Gonçalves falou da “obrigação” de oferecer melhores condições a quem quer aprender Português. // PÁGS. 8 a 9

HOMENAGEM // «Convocações», exposição de António Augusto Menano, inaugura no dia 4 de Novembro. Estará patente até ao dia 29 na Galeria de Arte e Centro de Mutualismo, Coimbra. // PÁG. 23



A VIDA DOS LIVROS // PÁG. 3

**Portugal
como destino**

// Guilherme d'Oliveira Martins

LITERATURA // PÁGS. 6 e 7

**Um autor que
percebe do que faz**

// Ramiro Teixeira

MÚSICA // PÁGS. 20 e 21

**Billie Holiday: A vida
no fio da navalha**

// Jorge Sanglard

ENTREVISTA // PÁGS. 4 e 5

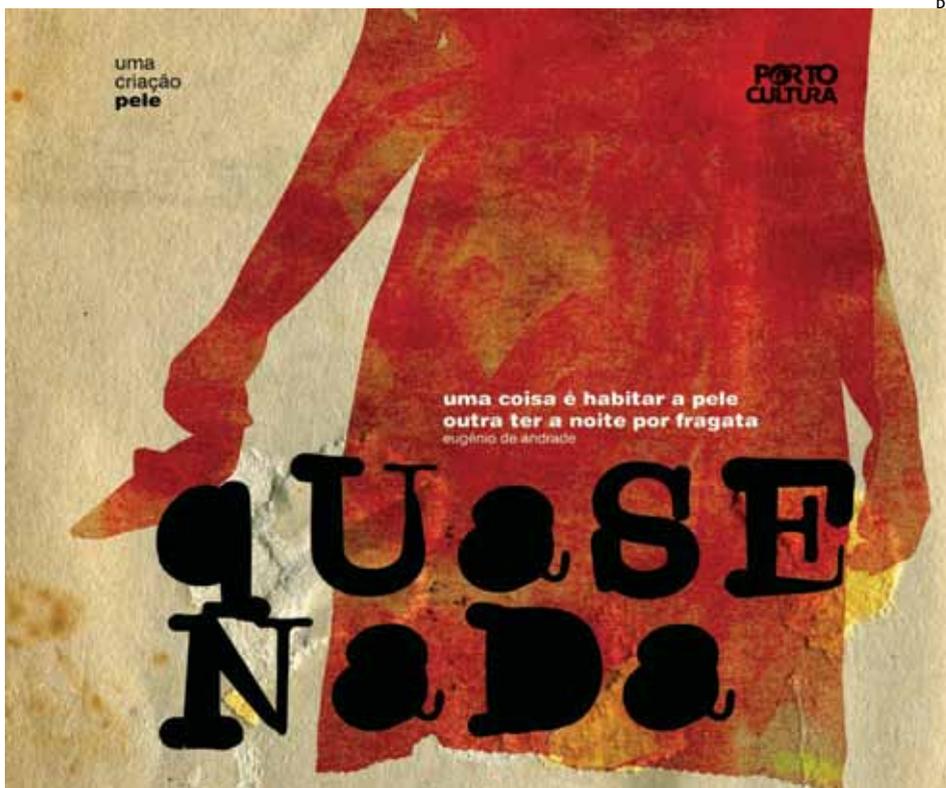
**José Duarte no
Porto para 'conversar'
sobre Jazz**

«QUASE NADA» DE 28 A 30 DE OUTUBRO NO CAMPO ALEGRE

Discurso artístico aproxima surdos e ouvintes

«Quase nada», inspirado na obra poética de Eugénio de Andrade, vai estar em cena no Teatro Campo Alegre, Porto, de 28 a 30 de Outubro. A peça promoveu a pesquisa da Língua Gestual Portuguesa e o seu potencial teatral/corporal, propondo o cruzamento de línguas (língua portuguesa e gestual portuguesa) e linguagens (poesia, teatro, música, dança), para a criação de novos discursos. Este trabalho aproxima as pessoas que falam com a boca e as pessoas que falam com as mãos através da criação de um discurso comum, o artístico. As palavras de Eugénio de Andrade são interpretadas por corpos surdos mas vibrantes e cheios de som, que enchem o espaço com o movimento, explorando o corpo das palavras, criando coreografias do gesto, explica a companhia. E acrescenta que promove uma intensa troca corporal, onde as vírgulas, os tempos verbais, os sentimentos e as intenções serão tocados num orgânico teclado de notas que vibram para além do som e que se estendem por todo o espaço e procura que as barreiras entre as comunidades surda e ouvinte sejam ultrapassadas, através de experiências artísticas, contribuindo para a inclusão e coesão social de uma comunidade com pouco acesso à educação e vivência artística.

A Sinopse de «Quase nada» diz ainda que “é um ciclo de vida íntima e emocional daqueles que vivem o ritmo do tempo, sem medo das curvas. E atravessam o calor do Verão e o frio do Inverno com a mesma paixão”. E acrescenta que “é um lugar pequenino e nada pretensioso onde os desejos e as frustrações, os encontros e os desencontros acontecem sempre com o sabor da fruta da época como forma de suportar as palavras. Nas cores das estações transformam-se os ritmos dos dias e tudo muda, até porque lá fora as árvores também se despem. Com «Quase nada» rasgam-se paredes e rompem-se os dias, abrindo espaço à brisa de novos lugares”.



A par da estreia da peça de teatro, vai também ser lançado no dia 29, no mesmo espaço, o livro «Eram umas quantas vezes - registo de um processo».

Estes trabalhos resultam da cooperação entre a PELE - Espaço de Contacto Social e Cultural e a Associação de Surdos do Porto (ASP), com o objectivo “partilhado de cimentarem pontes de comunicação entre a comunidade surda e ouvinte”.

Desta cooperação já tinham resultado duas outras criações teatrais: «Nascemos da Água e à Água Volta-

remos» (2008) e «Eram umas quantas vezes» (2009). Foi a partir deste último “processo/espectáculo” que nasceu o livro «Eram umas quantas vezes - registo de um processo», financiado pela Secretaria de Estado da Cultura, Direcção geral das Artes e Federação Portuguesa de Associações de Surdos.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís | António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira | Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo | Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco | José Atalaya | José Rodrigues | Lemos de Sousa | Lídia Jorge | Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Veiga | Óscar Lopes | Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António José Queiroz | Armando Alves | Cacilda Celso | Carlos Cabral Nunes | Carlos Vaz | Cristino Cortes | Domingos Lobo | Francisco d'Eulália | Isabel Ponce de Leão | João-Maria Nabais | Jorge Sanglard | Lauro António | Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim | Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso

PARCERIAS



APOIOS



PARA ASSINAR

Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56 | Telemóvel - 91 803 56 76 | E-mail: artes.entreltras@gmail.com
Desejo receber As Artes entre as Letras, 50 euros / ano | Transferência bancária para o n.º 0033-0000-4537747275-05 ou envio de cheque

Para assinar online: www.artesentreasletras.com.pt



Singular Plural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real
AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel - 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com
Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel - 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com



Directora: Nassaleta Miranda; **Editora:** Isabel Fernandes; **Jornalista:** Paulo Francisco Carvalho; **Fotografia:** Ângela Vêlhote; **Direcção Comercial:** Maria José Guedes; **Grafismo:** Pedro Cunha; **Paginação:** Pedro Cunha; **Site:** Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira | **Contactos:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º esq. | 4050-012 Porto; **Telefone e Fax:** 22 606 35 56; **Telemóvel:** 91 803 56 76; **Email:** artes.entreltras@gmail.com; **Registo na ERC:** 125685
Impressão: Selector - Artes Gráficas, LDA - Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
Distribuição: VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém - Telef: 21 433 70 00 - Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Telef: 80820655 - Fax: 80820613
Propriedade: Singular Plural | **NIF:** 509578942 | **Tiragem:** 1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais



Guilherme d'Oliveira Martins

PORTUGAL COMO DESTINO.

- Na sua análise de Portugal como Destino, Eduardo Lourenço afirma que Garrett e Herculano refundaram a pátria porque, «pela primeira vez e de uma maneira mais radical do que acontecera nas raras mas fortes crises que pontuaram a nossa história de nação independente, o país esteve em sérios riscos de perecer». E a verdade é que aparte a revolução liberal de 1834 não houve outra em Portugal. «Inconscientemente» levámos séculos a afastar-nos da «fatalidade» europeia e do seu jogo de forças, mas tivemos de assumir-nos na balança da Europa. De facto, «o tráfico africano, o comércio do Oriente, o açúcar e depois, miraculosamente, o ouro do Brasil» permitiram-nos ter o nosso caminho, enquanto a Espanha esteve a braços com os seus «deveres de potência europeia». Precisámos, porém, da Europa (França e Inglaterra) para preservar a independência, mas pudemos separar as águas. No entanto, foram faltando as riquezas perenes. Não por acaso, Lourenço fala de fanatismo, e da sua presença entre nós. Recorda a expulsão dos judeus, a sua conversão forçada e a longa presença da Inquisição – contudo acrescenta: «O povo português não é o único a merecer o ápodo de 'fanático', se essas generalizações são aceitáveis. Como o bom senso cartesiano, o fanatismo é a coisa mais bem partilhada do mundo». Todavia, não é certo que uma religião se possa definir pela intolerância e pela exclusão, até porque, em todo o caso, «não é essa a essência do cristianismo. Religião, por excelência da não etnicidade, exclui por definição, toda a incitação ao fanatismo». Alimentámos, contudo, no nosso interior dois Portugais – o Portugal velho e o Portugal novo –, numa divisão menos dramática do que a das duas Espanhas. Na busca de uma síntese, Eduardo Lourenço não esquece que fomos, durante muitos séculos, nação-cruzada, mas, apesar disso mesmo, pudemos sabiamente ter uma vivência religiosa flexível, que Oliveira Martins liga ao «imanente paganismo» e Jaime Cortesão ao naturalismo, bem evidente na plasticidade franciscana.

SOB O SIGNO DA LIBERDADE. - Se fizemos tudo «coletivamente» até aos Descobrimientos, a verdade é que o Romantismo pôs a tônica no indivíduo – e daí também o sentido refundador de Garrett e Herculano. Se João de Barros, Camões ou Vieira inscreveram Portugal numa esfera de conteúdo transcendente, Herculano pôs a ênfase na liberdade – «um Portugal que, de armas na mão, se conquistou com liberdade. E é o passado dessa liberdade – quando na sua perspectiva mereceu esse nome – que ele exuma e exalta». E assim o historiador com-

preendeu o elo entre os dois Portugais, procurando conciliar liberalismo com cristianismo. E fê-lo «não por oportunismo, como a cultura oficial do constitucionalismo o fará, mas porque tal era a sua visão da história e a exigência do seu individualismo ético». E Garrett completa esta perspetiva ao pôr Camões no centro da «nova mitologia pátria, pátria de feitos, sem dúvida, mas pátria de canto, de cultura, sem as quais a memória deles não existe». Mas não há «qualquer profecia com garantia providencial», o que existe, sim, é vontade e capacidade de regressar ao passado como se fosse presente, relendo os acontecimentos de glórias e viajando na nossa terra, de modo a projetar o futuro. Em vez de D. Sebastião, surge Camões, com os seus sentidos lírico e épico. Em «Frei Luís de Sousa», o sebastianismo torna-se camoniano. «A saudade é gosto amargo do bem passado, "delicioso pungir de acerbo espinho", mas igualmente penhor de ressurreição do que, por excesso de vida, não pode morrer». É, assim, o corpo e a sombra da alma portuguesa, ligada à liberdade e à vontade, não fado sem horizonte – sendo a nossa primeira «mitologia sem transcendência», que exige um tempo de descoberta das «coisas nossas», para usar a expressão de Régio. E se os românticos iniciais deram esse impulso, Camilo e Júlio Dinis retratam um Portugal inquieto, mas segundo o que é e como está. Mais importante do que um desígnio ou do que um destino, procura compreender-se quem somos – de Simão Botelho a Teresa, do Conselheiro Manuel Bernardo ao Joãozinho das Perdizes... Mas esta visão momentânea, consequência de um encontro inédito de realidades diferentes que coexistiam, culminará numa grande rutura – a da Geração de 70, numa singularíssima encruzilhada emancipadora, capaz de sair, ao menos em imaginação, «do pequeno Portugal com a ideia de lhe abrir o espaço confinado e o desprovincializar». Antero de Quental e os seus companheiros serão a primeira expressão de uma intelectualidade pensante, assim assumida, na esteira da «primavera dos povos» e antecipando o «caso Dreyfus», que pega no tema da decadência, não apenas na perspetiva portuguesa, mas peninsular e universal.

PERANTE A IDEIA DE DECADÊNCIA. - A tomada de consciência da decadência deve-se ao facto, detetado por Eduardo Lourenço, melhor do que ninguém, de: «Em todos os domínios, o regresso à casa lusitana, o confronto connosco próprios, que só por mediação alheia íamos tendo, era vivido sem meiotermo, com deceção ou regeneradora descoberta do nacional, do castiço. Decididamente, a Europa do último quartel do século, essa Europa de onde esperávamos o messias, em vez de nos estimular, melancolizava-nos ou humilhava-nos simbolicamente. O pior de tudo é que isto nada tinha que ver, em geral, com a Europa efetiva, no positivo e

no negativo dela, mas com o psicodrama puramente onírico que nós vivíamos a sós connosco e que a dita Europa nem imaginava». Ora, a Geração de 70 personificou dramaticamente este desafio, e fê-lo com sentido profético como Quental assumiu na conferência de 1871 sobre «As Causas da Decadência», sabendo interpretar os ecos que condicionaram Nietzsche, como nosso primeiro pensador não nacionalista, falando em termos europeus e universais. Eduardo Lourenço deixa-se fascinar por essa aura, como aconteceu com Unamuno, que colocou Antero entre as catorze grandes referências sobre o «sentimento trágico da vida». Pioneiro da reflexão sobre a «morte de Deus», buscando aí os mistérios mais fundos do sentido da existência, «Antero foi o primeiro e, até hoje inultrapassável encenador de um drama que antes dele só por intermitência filtrava do fluir tranquilo da nossa cultura (Camões, Garrett) e desde então passou a haver, como Pascoais e Pessoa diversamente o mostraram». Deste modo, o ensaísta de «O Labirinto da Saudade», parte da herança de Herculano e de Garrett, centrando-se na exigência emancipatória da Geração de 70, vista não como um qualquer «vencidismo», mas como o culto determinado da crítica enquanto fator de liberdade e progresso. Daí a necessidade de compreensão dos mitos – que permitem ir da vontade à evolução. E não se diga que o Eça de «A Ilustre Casa» é o símbolo de uma desistência melancólica. Não se confunda com a realidade a «desleitura» ou um «adoçamento» injusto e ilegítimo dessa obra e desse tempo. De facto, para Eduardo Lourenço, a Geração de 70 demarcou-se da religiosidade tradicional, e buscou um sentimento universal, notado em Fradique Mendes e depois na galáxia Fernando Pessoa e no modernismo. E é nesta ligação que Eduardo Lourenço assume uma grande originalidade, ao articular as Conferências Democráticas e o Orpheu, os séculos XIX e XX. «A história e o destino de Portugal nunca foram trágicos fora da tragédia adiada que a vida é. Também não o são agora. Pela primeira vez, o nosso país vive-se a si mesmo e começa até a ser visto pelos outros, como um povo insolentemente feliz». Estava-se em 1998, tempo de otimismo. Lourenço falava de «maravilhosa imperfeição». Mas de que contentamento falava? Ou era desconcerto? E hoje perante as nuvens negras da crise? Volta a ciclotimia antiga. Mas o tema de Portugal como Destino está de pé. É só dele que se fala, apesar da míngua de respostas. Voltam a ser urgentes liberdade e vontade!

NOTA:

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura



Assumir riscos com paciência, coragem e paixão

José Duarte é um homem da música jazz, divulga-a, ensina-a, mas também aprende. Campeão de durabilidade com programas de décadas, este profissional está agora no Porto, no Clube Literário, para mais um momento de partilha do que sabe. Diz no spot promocional do curso/audições comentadas que o jazz “é a única arte que apareceu no século XX de que eu sei alguma coisa. Não sei muito, todos os dias gostava de saber mais”... As Artes entre As Letras falou com o professor tendo como ponto de partida estes encontros, mas tentando alargar o âmbito da conversa.

Isabel Fernandes

Qual será o formato do curso de jazz no Clube Literário do Porto?

Serão conversas sobre áreas deste tipo de Música.

Chama-lhe conversas. É sempre disso que se trata quando fala de jazz? É sempre em tom de conversa?

Com a experiência em actividades destas, aprendi conversar em sentido figurado.

Essas ‘conversas’ abordarão dois grandes temas: instrumentos e instrumentistas. É essencial dominar estes conhecimentos para entender o jazz?

É essencial, mas não só. Falta aprender o jazz que se irá ouvindo, analisar discursos em solo, conhecer sonoridades e, para isto e mais outras cousas, comento a audição jazz.

É essencial conhecer o jazz (ou qualquer género musical) para gostar verdadeiramente dele?

Claro que é! Se se conhece é porque se gosta ou gosta-se porque se conhece...

Contarão com improvisação?

Funcionarei com instrumentista de uma ‘big band’, ou seja, levarei cábulas escritas e terei o meu tempo para improvisos.

É na vontade de transmitir o que tem aprendido na sua carreira ligada à música que se basearão as ‘conversas’?

Foi assim que aprendi jazz, isto é, ao praticar divulgação jazz.

Que segredo tem para que um programa de rádio sobreviva 45 anos («Cinco minutos de jazz»)? E o próprio apresentador, como é que sobrevive também?

João Martins, bom radialista, previu na Renascença em 1966 que Cinco seria o tempo ideal para passar conhecimentos – nem mais nem menos.

Está, então, no facto de ser um programa de curta duração...

Não é um programa, é uma rubrica tipo é tão bom não foi...

José Duarte, uma vida de Jazz

Falar de Jazz em Portugal é lembrar o percurso profissional de José Duarte, que desde cedo descobriu o seu interesse por esta arte do século XX. E por aí fez caminho e carreira. Actualmente, para além de cursos Jazz de que é formador, dá voz a «Cinco Minutos de Jazz», de segunda a sexta-feira às 3h50 e 21h50, «A menina dança?», todos os domingos às 5h10 e 23h10. É ainda responsável pelo sítio da Internet do Centro de Estudos de Jazz da Universidade de Aveiro www.jazzportugal.ua.pt.

Nascido em 1938, em Lisboa, funda o Clube Universitário de Jazz com 20 anos, frequentou o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, hoje Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), entre 1958 e 1964. Também na rádio se iniciou em 1958 com «O jazz, esse desconhecido», na Rádio Universidade, e dois anos depois escreveu o primeiro texto na imprensa escrita, no «Diário de Lisboa». «Cinco Minutos de Jazz» que ainda hoje está no ar nasceu em 1966 e até 1975 emitiu na Rádio Renascença, passando a ser possível ouvir o programa na Rádio Comercial entre 1984 e 1993, ano em que passou para a RDP e onde ainda hoje se pode ouvir, na Antena1. Em 1972 é responsável pelo primeiro disco jazz editado em Portugal, «Estilhaços», que resulta da gravação do concerto do 6.º aniversário do «Cinco Minutos de Jazz», em Lisboa. Membro da direcção da «International Jazz Federation», entre 1975 e 1984, membro do «International Critics Jazz Poll» da revista n-a «Down Beat», desde 1975, é autor dos livros «João na Terra do Jazz», «Jazzé e Outras Músicas», «Cinco Minutos de Jazz», «História do Jazz», «Jazz, Escute e Olhe – Portugal 1971-2001» e «Po-ezz - jazz na poesia em língua portuguesa». Os programas para rádio e televisão são em elevado número, mas também várias conferências fazem parte do seu currículo. Foi fundador e director da revista trimesnal bilingue «O Papel do Jazz» (1997 a 1998), em 1997 fundou o site www.jazzportugal.ua.pt, no qual é redactor. Do longo currículo de José Duarte, destaquemos o Centro de Estudos de Jazz da Universidade de Aveiro, que organizou, depois de ter oferecido o seu arquivo, em 2002, à instituição, onde é professor auxiliar convidado para disciplinas de opção livre «História do Jazz», «Audição Musical Comentada» e «Iniciação ao Jazz».

Ser obrigado a transmitir a mensagem com rigor em pouco tempo tornou-o num homem de poucas palavras? Passou a ter mais consciência do que é essencial?

Muito difícil é escolher o essencial e publicar. Nisto, os jornalistas norte-americanos são mestres.

Quando começou a dedicar-se ao jazz foi com o programa «O jazz, esse desconhecido» na Rádio Universidade. Hoje ainda faria sentido um programa com esse nome?

Jazz era desconhecido em Portugal em 1958 – data desse programa – e ainda hoje o é, isto é, ouve-se muito mas sabe-se pouco.

Não houve nenhuma alteração? Não lhe parece que hoje se saiba mais?

Sabe-se mais porque se sabia nada. Relativização: hoje, embora se saiba mais, sabe-se pouco ainda.

O que estará a falhar? Consegue apontar razões?

Falhas na escassez da divulgação jazz. Quem ouve não pode nem deve frequentar salas como Culturgest, Casa da Música ou CCB [Centro Cultural de Belém]. Deve lá ir pela eventual qualidade da Música e seus instrumentistas e não das salas, há que acabar com encores obrigatórios, há que exigir conhecimento jazz aos ouvintes jazz.

Que importância têm para si os prémios que tem recebido?

São prémios para a Grande Música Negra que divulgo.

Na sua pessoa. O que significa que é também o seu trabalho a ser reconhecido...

Orgulho-me de ter conseguido ouvintes jazz em três gerações.

Quando fala de jazz tem um 'guião' pré-escrito? Ou seguindo a corrente que defende que o jazz só é completo se houver improvisação sabe onde começa a conversa mas não sabe exactamente por onde avançará?

Não há música jazz em que não haja improvisação. E, assim, nestas conversas nunca antecipadamente saberei para onde o improviso nos levará, só ficaremos fiéis ao tema que será audição pura mas comentada por mim – há pessoas que não identificam os cinco instrumentos de um quinteto...

Será o assumir o risco que faz com que os seus programas durem tantos anos? «A menina dança?» não tem uma vida tão longa como o «Cinco minutos de jazz», mas já está no ar há 22 anos...

Sim, assumir riscos com paciência, coragem e paixão. Estes dois programas da RTP Antena 1 são apenas dois modos diferentes de divulgar música parecida: a menina é afilhada do jazz.

O jazz não se desviou do carácter popular com que surgiu?

Desviou e muito – saiba-se de como a chamada crítica europeia escolheu cadeiras de plateias para ouvir jazz...



Reconhecimento de uma carreira

- 1 Outubro 2004 (*Dia Mundial da Música*)
– Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura

- 20 Maio 2005 (*80.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores*)
– Medalha de Honra

- 21 Fevereiro 2006
– celebração no Teatro S. Luís, Lisboa, dos 40 anos da primeira emissão da rubrica diária «Cinco Minutos de Jazz», com concerto e caixa com quatro CD

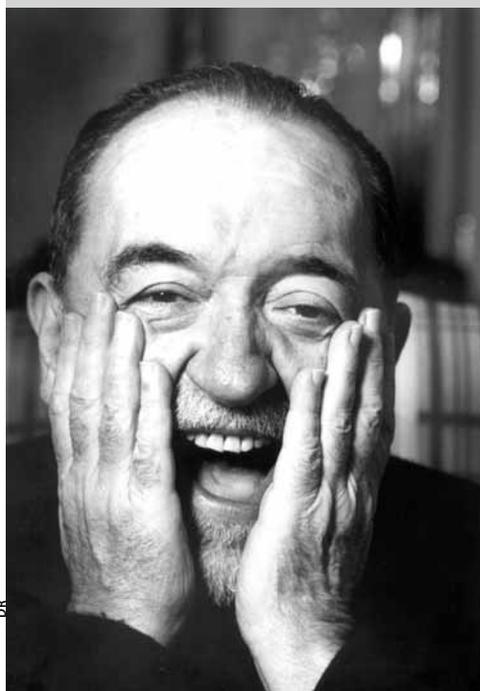
2006-2008
- coordenador para o Ministério da Cultura da organização de uma grande orquestra de jazz com jovens músicos alemães, portugueses e eslovenos (entre os 20 e 30 anos), ao abrigo da União Europeia e dos respectivos países presidentes em 2007 e primeiro semestre de 2008

2007
Medalha Municipal de Mérito (Ouro) da Câmara Municipal de Lisboa

10 Junho 2009
Grande Oficial da Ordem de Mérito, pela Presidência da República

10 Dezembro 2009
Homenagem da Universidade do Algarve, Faro

21 Maio 2010
– Prémio Pró-Autor, da Sociedade Portuguesa de Autores



entrevista

Amigos do Jazz

Com alguns dos maiores nomes do Jazz 'aprendeu' e com eles teve/tem diferentes graus de amizade recíprocos: Louis Armstrong, James Moody, Betty Carter, Sheila Jordan, Stan Getz, Elvin Jones, Dewey Redman, Max Roach, Sam Rivers, Roland Kirk, Aldo Romano, McCoy Tyner, Charles Mingus, Tete Montoliu, Dave Holland, Ronnie Scott, Charlie Haden, Steve Potts, Jean François Jenny-Clark, Phil Woods, Rashied Ali, Ornette Coleman, Steve Lacy, Diana Krall, Jason Moran, David Murray, Barry Harris.

Esse desvio fragilizou-o ou enriqueceu-o?

Interessou a classe rica, a dominante e a burguesia.

Consegue apontar o momento exacto em que despertou para o jazz?

Quando descobri as minhas capacidades musicais – andava eu no Liceu Passos Manuel, em Lisboa.

Porque deixou de cantar e tocar?

Canto e percuto amíúde, mas os discos que gravei apenas foram episódios na minha juventude musical.

Ser membro de júri de prémios de música tem-lhe permitido acompanhar o que se faz por cá (e não só) nesta área. O jazz está bem e recomenda-se para o futuro?

O jazz, como qualquer outra actividade artística, vive de avanços e recuos, só que o jazz está à espera do seu seguinte salto qualitativo há cinco décadas.

E poderá continuar a esperar por esse salto qualitativo quanto tempo?

O tempo que os artistas quiserem. Um artista sabe o tempo exacto, quem ouve só percebe muito depois.

Se não houver esse salto, mais cedo ou mais tarde poderá desaparecer, pelo menos por algum tempo?

Tudo neste mundo se transforma permanentemente e, assim, o jazz pode acabar, como o 'fauvisme' acabou, o próprio 25 [de Abril de 1974] acabou.

Pode falar-se em tradição de jazz no nosso país?

Não há tradição jazz neste atrasado país que é o meu, o nosso – jazz é hoje moda.

Teria ficado muito desiludido se Adriana [filha de José Duarte] não fosse pelo jazz?

Adriana é um músico de quase todas as músicas. Desde a portuguesa, aqui e ali com sons de fadista, até passando pela bossa da MPB [Música Popular Brasileira], mesmo aproximando-se recentemente do jazz cantado e tocado.

Consegue distanciar-se da autora do disco para fazer uma apreciação?

Aprecio Adriana portuguesa com 28 anos que é compositora, letrista, arranjadora, intérprete em voz, instrumentista em piano, guitarra e a flauta (!) com dois cd já gravados e êxitos em palcos – igual não há.



Ramiro Teixeira
crítico literário

Um autor que percebe do que faz

“O conteúdo de uma obra não é dado pela linguagem mas sim pelo acontecimento teatral...”

Já não recordo quem proferiu este axioma, mas tão contrário é ao que penso sobre o assunto que o mesmo logrou maneira de se fixar na minha memória.

Decerto que a função da linguagem pode ser minimizada pelo gestual da mímica ou da sua representação teatral, mas sem o registo da linguagem, a escrita, não há memória que suporte os acontecimentos, no caso, o dito acontecimento teatral. De forma que, a meu ver, a linguagem ou escrita de uma peça é tão importante quanto a sua representação.

Isto vem a propósito, ou talvez não, de duas peças de Domingos Lobo, nomeadamente de «Não Deixes que a Noite se Apague» e «Cenas de um Terramoto».

Aqui chegado, importa acrescentar que Domingos Lobo é autor de mais de uma dezena de obras, entre poesia, ficção e teatro, fora a sua colaboração ensaística em diversas publicações, sendo que ainda não vai muito tempo recenseei aqui o seu livro de contos «Território Inimigo», com um curriculum radiofónico e teatral nos antigos Emissores Associados de Lisboa, no programa dos Parodiantes de Lisboa, na Emissora Nacional e na RDP, tendo dirigido o Clube de Teatro de Luanda, o Grupo Teatral de Oeiras, dirigindo actualmente o Grupo de Teatro de Benavente, de cuja Câmara Municipal é programador cultural.

Resumindo: estamos perante alguém que, para além de provas dadas nos vários segmentos da Literatura, possui conhecimentos e experiência teatral, devidamente avalizados com prémios afins.

Outro tempo fosse e seguramente Domingos Lobo seria reconhecido como escritor de mérito, badalado, se me desculpam a expressão, desfrutando daquela média glória que, por direito e saber, deveria caber a quem escreve com qualidade, embora, como sabemos, toda a glória seja vã.

Os tempos, porém, são outros. Hoje a Literatura é apenas um negócio e, assim sendo, possui um marketing indiferente ao valor do produto, mas extremamente sensível à mais-valia que retira do acessório ou do perfil social do autor. Que o diga a geração dos *pivô* da TV; que o dissesse Saramago que, a partir de certa altura, passou a apresentar as suas obras não só antecedidas de efeitos polémicos, como através de escrita singular, sem o respeito pelas regras de pontuação, etc. Ou ainda a nova vaga de escritores, uns capazes de se apresentar com os olhos em bico e os pés em leque, com peúgas tricolores, estendidos no chão, outros a promoverem as suas obras como pão quente, à saída do prelo,

nas oficinas da editora, ainda frescas da tinta de impressão ou da colagem das capas, para não recordar os que se apresentam como best-sellers no estrangeiro e por aí fora...

A Literatura hoje é isto, independentemente da qualidade de quem escreve. Ao fim e ao cabo é um reflexo do esfumar da ideia cultural que caracterizava o humanismo que ao longo dos séculos nos alimentou e, pior, do ensino que nos enformava. Porque a partir do momento em que se tornou comparável o incomparável, isto é, a inflacionamento das notas e das avaliações, a partir da ideia de que se estava a vedar às classes sociais inferiores o acesso ao saber, dita primazia da classe burguesa,

e que o importante não era salientar e promover os mais esforçados e interessados, mas antes massificar o ensino pelo paradigma rasteiro, ficou-nos isto: uma notória incapacidade de redigir, de expressar idéias, de recriar verosimilmente o trajecto do homem através da sua existência, e não pela fantasia da aventura e da acção agressiva.

Já agora, meto mais uma acha: há uns tempos recebi uma circular-manifesto, com pedido de subscrição, a denunciar não só a concentração das editoras, postos de venda e distribuição no(s) mesmo(s) grupo(s), como a fraca qualidade das suas edições, mal disfarçada na concepção das capas apelativas e, obviamente, as dificuldades que se deparam a um escritor iniciático ou com obra feita, mas excluído dos meandros deste tipo de globalização.

Não assinei. Não porque estivesse em desacordo com o teor do manifesto, longe disso, mas porque o dito manifesto, tanto quanto me pareceu, não era mais do que uma declaração de princípios de uma lista candidata aos corpos gerentes da Associação Portuguesa de Escritores em ano de eleições.

Ora, antes de mais, não sou sócio da



APE. Depois porque não vislumbro, no contexto actual, a utilidade do desafio lançado no Manifesto na parte em que refere:

Tem de relevar-se como a voz dos que elaboram a escrita literária, actuando junto das instâncias do poder, reivindicando condições de exercício simultaneamente sustentado e independente, bem como a difusão dos escritores portugueses no país e no estrangeiro, em igualdade e respeito pela valia literária das suas obras.

Qual a utilidade prática deste Manifesto? Ou seja, reivindica-se perante quem? Ao ministro ou sub-secretário da Cultura? Ao Presidente da Assembleia? Ao Primeiro-Ministro? Ao Presidente da República? Ao Procurador-Geral da República? Ao Instituto Português do Livro e das Bibliotecas? À Imprensa Nacional/Casa da Moeda? Às grandes superfícies? À Editora Leya? À Bertrand? À Porto Editora? À Assírio & Alvim? À Editora Presença? Etc.?

E nada resultando desta diligência, que farão os subscritores a seguir? Greve?

Nesta matéria nem o MFI nos vale, se é que, porventura, vale a alguém. Como refere não sei se um adágio se uma asserção bíblica, muitos são os dotados mas poucos os escolhidos.

Que sobra pois aos marginalizados? Não mais do que a edição paga, por sua conta e risco, a candidatura a um prémio literário organizado por uma autarquia ou associação literária em nome de um cadáver respeitável, que felizmente e contra natura ainda procria e que promove a edição, ou o mecenato, as mais das vezes em disfarçado apoio político. Em todos os casos, tanto o prémio como o mecenato pouco vale, dado que dificilmente a obra será distribuída em termos comparáveis com os dos escritores *lobylizados*. E o que é válido para este tipo de prémios e de possibilidades de edição, é igualmente para os prémios de referência, possuidores de um passado respeitável. Por exemplo, o Prémio Camilo Castelo Branco! Faça-se o levantamento dos premiados da última década, excluam-se os tais escritores *lobylizados*, e digam-me o que aconteceu ou se falou dos outros...

Ponto final, parágrafo, nova linha e assunto.

Que penso de “**Não Deixes que a Noite se Apague**”?

Excelente nalguns aspectos, assim-assim noutros. Por exemplo, a caracterização do Inspector da PIDE é magnífica, enquanto personagem capaz de se auto-dissecar, de se criticar a si mesma, vislumbrando o absurdo do regime que protege, sem com isso modificar o seu comportamento e função. Antes, mesmo, talvez para *abafar* o incómodo da situação em que vive, se entretenha a achincalhar o Informador que tem como espião local, ao fim e ao

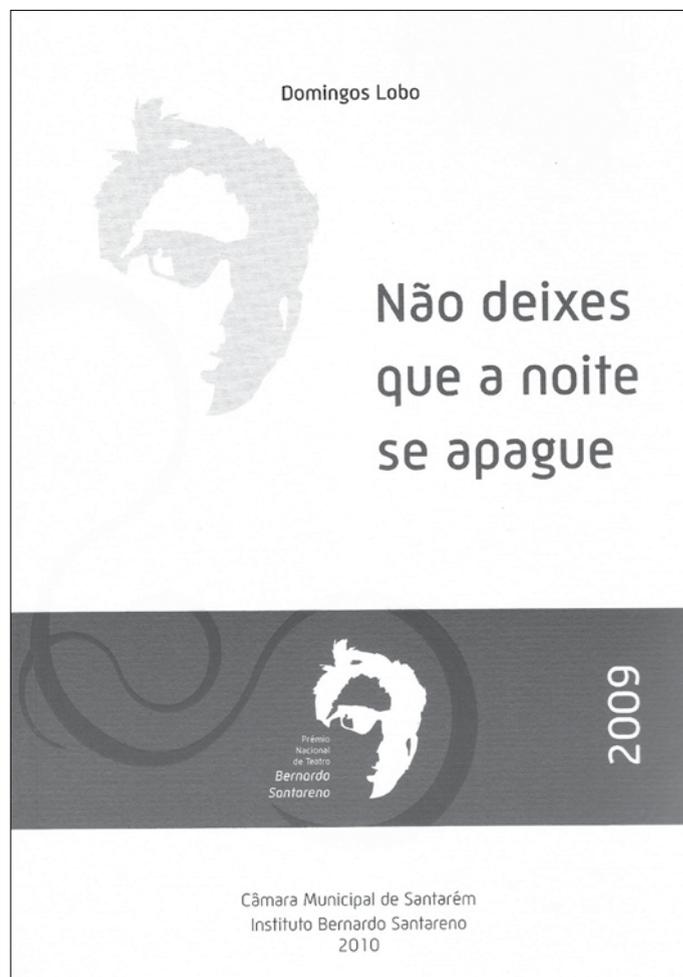
cabo uma imagem especular de si próprio.

Em qualquer caso, os seus monólogos e diálogos, apesar da linguagem chula, de expressões próprias da ralé, soezes e abjectas, se por um lado avalizam o superior domínio da linguagem que o autor exhibe ao assim dotá-lo, por outro dão bem a dimensão existencial da personagem, anacrónica, subserviente e corrompida até às vísceras pelo exercício do poder de que dispõe.

Sobre Isabel, casada com um madeireiro e sempre em viagem, na circunstância a dar secretamente guarida a um militante revolucionário de quem se torna amante, acho-a demasiado evoluída para o meio de que provém. Não pela forma ardilosa e cerimonial com que dialoga com o Padre Tiago, porventura a personagem mais estereotipada da peça, e o Inspector, que isso é uma característica idiosincrática dos seres rurais, mas pela forma como exprime a relação amorosa com Ricardo a quem dá guarida.

Sobre Ricardo pouco há a registar. Simbolicamente é o elemento que determina a acção da peça. Vale o que vale na função que lhe dá o ser, embora, enquanto activista político na clandestinidade, se me afigure inverosímil a ligação amorosa com a mulher que lhe dá guarida, para mais casada. Seguramente que o partido não lhe perdoaria a leviandade.

Artificial no contexto e na solução que apresenta, a meu ver, é a ligação homossexual de Teodomiro, o madeireiro, marido de Isabel, com o Rapaz, seu empregado! O melhor que retiro desta ligação é a



natureza dos subentendidos que sobrevive no curto diálogo entre ambos, nomeadamente pela fala de Teodomiro.

Uma coisa, porém, são estas impressões e outra será a forma como a peça se apresenta ao público. Nesta última perspectiva, importa acrescentar que a peça possui qualidades mais do que suficientes para se impor aos espectadores, mercê do ritmo, da linguagem e da encenação com que em cena a imagino.

Quanto a «**Cenas de um Terramoto**», que memoriza ou evoca as consequências deste fenómeno natural em terras de Benavente no ano de 1909, pouco há a referir, dado que tudo bate certo. De facto, o autor soube recriar o drama das gentes locais, com mortos e casas destruídas, tal como o procedimento das autoridades civis e religiosas, com rigor e realismo tais que dificilmente se lhe poderá apontar um deslize, um pormenor menos conseguido. É uma peça e uma mensagem sem equívocos. E se falo em mensagem é porque nela paira igualmente a esperança de tempos menos difíceis, os do fim da monarquia, embora a acção não possua neste anseio a sua matriz principal. E mesmo quando ele se concretiza, um ano depois do

terramoto e com as desgraças locais ainda por solucionar, é mais na força de vontade dos homens e mulheres de Benavente, simbolicamente nas figuras de António e Fernanda, que o futuro se resgata e se constrói do que propriamente por acção do novo regime, com avanços e recuos, desde logo avassalado por toda a sorte de dissidências que já vinham de trás, dos tempos dos republicanos na oposição. Aqui chegado, confronto-me com uma incoerência pessoal. É que se me perguntarem qual destas peças gosto mais, apesar do que proferi, direi que é da primeira, independentemente de ter sido galardeada com o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno. Das razões de tal não estou muito certo, mas admito que advenham da universalidade do tema e das personagens que o encarnam, por comparação com a abordagem regionalista que a segunda implica.

Claro que para tirar dúvidas, como diz o cego, só vendo, ao que os visuais poderão acrescentar que, pelo menos, só ouvindo. Em última análise, ficamos o acto da leitura e mais o da imaginação que ele implica. Agora que Domingos Lobo percebe do que faz, não restam dúvidas.

FICHA:

«*Não Deixes que a Noite se Apague*». Chamusca. Câmara Municipal de Santarém / Instituto Bernardo Santareno, 2010; «*Cenas de um Terramoto*». Lisboa, Editora Fonte da Palavra, Lda., 2010.

Adelto Gonçalves é escritor, jornalista, professor e colaborador assíduo em publicações no Brasil e em Portugal, nomeadamente no *As Artes entre As Letras*. Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa e mestre na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, nasceu em 1951, em Santos, São Paulo (Brasil). Recentemente foi convidado para assessor cultural e de imprensa do Centro Lusófono Camões da Universidade Estatal Pedagógica Herten, de São Petersburgo, Rússia, e foi nessa qualidade que respondeu por e-mail (e por isso foi respeitada a ortografia brasileira) à entrevista que pretendeu entender melhor o papel do Centro na divulgação do Português naquele país e como é que Adelto Gonçalves entra na história do organismo russo.



Edições bilingue na Rússia aguardam apoios

Isabel Fernandes

Quantos autores de Língua Portuguesa estão traduzidos pelo Centro Lusófono Camões? E quantas obras?

Logo depois de sua fundação em 1999, o Centro Lusófono Camões, da Universidade Estatal Pedagógica Hertezen, de São Petersburgo, produziu uma edição eletrônica dos *Sonetos de Camões*, que teve prefácio da professora Maria Raquel de Andrade e contou com o apoio dos professores José Manuel Matias, Zélia Madeira, Rogério Nunes, Alexandra Pinho e Madalena Arroja, do Instituto Camões, de Lisboa. Desde então, publicou vários livros impressos, como o *Guia de Conversação Russo-Portuguesa Contemporânea*, *Poesia Portuguesa Contemporânea* (2004), que reúne poemas de 26 poetas portugueses traduzidos com participação de Helena Golubeva (como tradutora-tutora), e *Vou-me embora de mim* (2007), do poeta português Joaquim Pessoa, todos em edição russo-portuguesa. O Centro tem ainda preparado à espera de apoio financeiro para publicação um livro de contos do escritor português Gonçalo Tavares, que contou com a participação do próprio autor. Além do Instituto Camões, o Ministério da Cultura, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, o Colégio Universitário Pio XII, a Universidade Clássica de Lisboa, a Universidade Internacional de Lisboa, a Universidade Lusófona e a Universidade de Aveiro são algumas das instituições culturais portuguesas que têm cooperado com o trabalho dos lusistas russos. De autores brasileiros, publicou, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e da Embaixada brasileira em Moscou, os livros *Contos*, em 2006, e *Contos Escolhidos*, em 2007, ambos de Machado de Assis (1839-1908), em edições bilíngues, que contam com prefácios de minha autoria. Até então, da obra de Machado de Assis só os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* haviam sido traduzidos para o russo. Por enquanto, há outros projetos de

lançamentos em edição bilingue à espera de apoios financeiros de entidades culturais tanto de Portugal quanto do Brasil.

Como vê este interesse dos russos pela Língua Portuguesa?

É gratificante saber que há pessoas de outros países que admiram a nossa Língua a ponto de quererem estudá-la e aprendê-la. Por isso, é nossa obrigação estimulá-las e procurar oferecer melhores condições. Por enquanto, o Centro Lusófono Camões depende, praticamente, da colaboração do Instituto Camões, de Lisboa. Por isso, vamos procurar sensibilizar algumas instituições brasileiras, como a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Academia Brasileira de Filologia (Abrafil), a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) e algumas editoras de grandes universidades brasileiras a colaborar com o Centro não só com a doação de livros de autores brasileiros e de crítica literária, mas com a assinatura de acordos de publicação de livros em edição bilingue russo-portuguesa.

O que significa mais para o maior e melhor conhecimento dos autores que escrevem em Língua Portuguesa, o contacto com a obra (traduzida) ou o conhecimento da língua?

Todos os autores escrevem com a esperança de que sejam lidos pelo maior número de pessoas. Não há autor que não se sinta realizado ao ver a sua obra traduzida em outro idioma. Por isso, as duas coisas são importantes. Para o leitor estrangeiro, a oportunidade de uma edição bilingue é única, pois facilita o aprendizado. No Brasil, tenho recebido algumas consultas de pessoas interessadas em aprender o idioma russo e que gostariam de ter acesso às edições bilíngues do Centro Lusófono Camões. Por outro lado, durante minha visita a São Petersburgo, tomei a iniciativa de levar e doar vários exemplares da última edição brasileira do livro *Gente Pobre* (Taubaté-SP, Editora Letra Selvagem, 2011), de Dostoiévski, por gentileza do editor Nico-demos Sena, que também é escritor. Com isso, os

estudantes de português do Centro têm também a oportunidade de confrontar a tradução de Dostoiévski para o português. Além disso, o Museu Dostoiévski, de São Petersburgo, colocou um exemplar da edição brasileira de *Gente Pobre* em lugar especial para que seja visto pelos visitantes, que são dezenas todos os dias.

A cooperação entre o Centro Lusófono Camões e instituições portuguesas é essencial para o desenvolvimento do Centro? E não seria uma mais-valia que essa cooperação



se alargasse a instituições de outros países lusófonos?

De fato, essa colaboração tem, praticamente, limitado-se ao apoio de instituições portuguesas. Por isso, estamos procurando sensibilizar a Academia Brasileira de Letras e outras instituições que participem dessa cooperação. Infelizmente, no Brasil, não existe ainda um organismo como o Instituto Camões, de Portugal, que financia a publicação de obras de autores portugueses no exterior. Tanto que foi a Embaixada do Brasil em Moscou que assumiu as despesas com a gráfica para a edição dos dois livros de Machado de Assis publicados pelo Centro Lusófono.

O que significou para si este convite? Em que consiste exactamente o seu cargo?

Na verdade, o meu cargo é apenas informal. Antes de mim, Dário Moreira de Castro Alves (1927-2010), que foi embaixador em Portugal de 1979 a 1983, sócio-honorário do Centro, fazia esse trabalho de divulgação, publicando artigos sobre as atividades da instituição em jornais e revistas do Brasil e Portugal. A pedido do professor Vadim Kopyl, diretor do Centro, estou procurando ajudar o Centro Lusófono Camões a difundir a Língua Portuguesa na Rússia. Além de professor universitário e jornalista profissional há 40 anos, sou escritor e resenhista de livros. Desde que voltei da Rússia, já escrevi resenhas de todos os livros impressos publicados pelo Centro e as espalhei por jornais, revistas e sites do Brasil, de Portugal e dos países

de expressão portuguesa, com o objetivo, em primeiro lugar, de tornar mais conhecido o trabalho do Centro. Além disso, sempre que o professor Kopyl quiser ou tiver alguma novidade a respeito do Centro, estarei pronto a transformá-la em notícia e distribuí-la para jornais, revistas e sites de expressão portuguesa. De minha parte, também tenho o interesse em que o meu livro *Bocage: o Perfil Perdido* (Lisboa, Editorial Caminho, 2003) venha a ser traduzido e publicado em russo, mas isso depende também de quem financie a publicação. Já entrei em contato com o Instituto Camões e, na época adequada, vou submetê-lo à apreciação do órgão.

Traçou objectivos para o seu 'mandato'? Quais são?

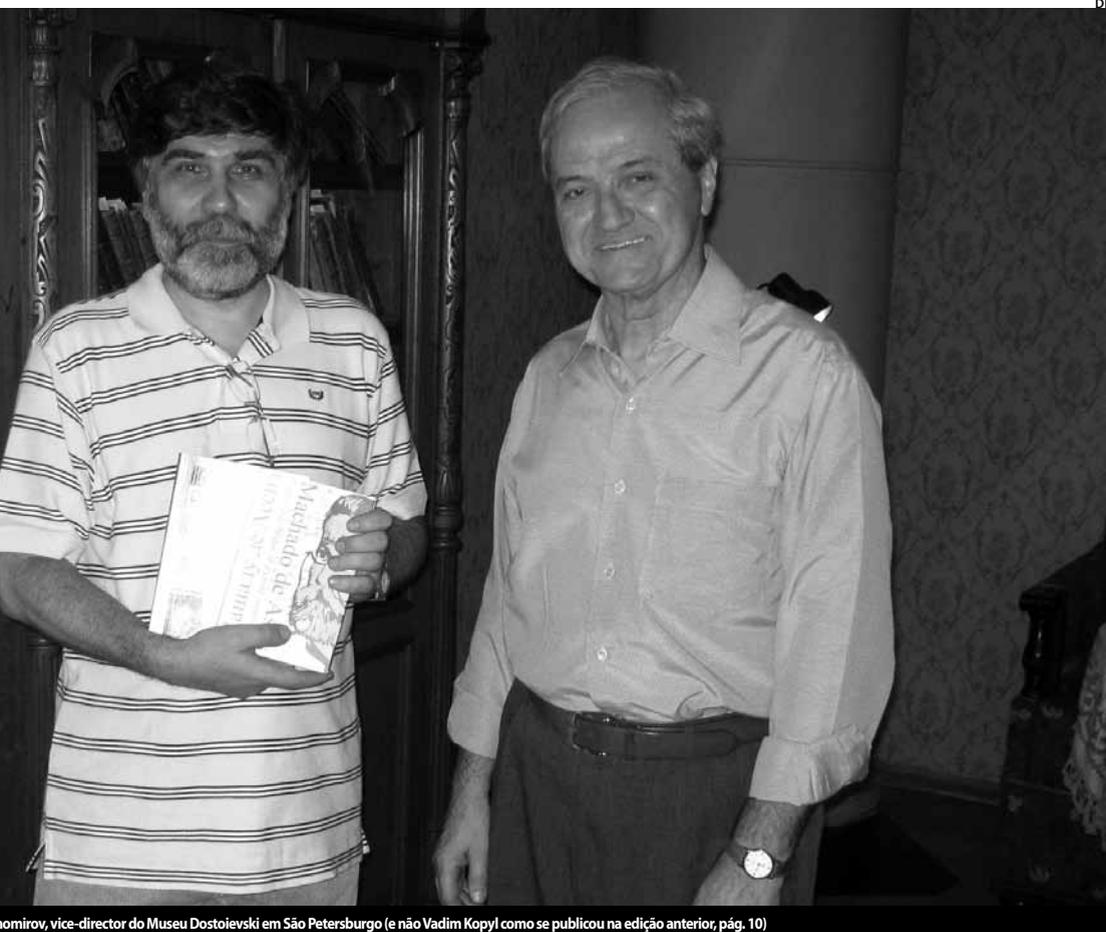
Os meus objetivos resumem-se em auxiliar, na medida do possível, a difusão da Língua Portuguesa na Rússia. E a divulgar as atividades do Centro entre os países de expressão portuguesa. Para tanto, conto também com a ajuda de alguns intelectuais dos países africanos de expressão portuguesa, que têm contribuído para a divulgação das resenhas dos livros editados pelo Centro, entre eles Nataniel Ngomane, João Craveirinha e Josué Bila, de Moçambique, e o jornalista Timothy Bancroft-Hinchey, editor em Lisboa da edição em português do site do *Pravda*. Aliás, quem quiser ler as minhas resenhas dos livros editados pelo Centro e demais informações sobre a entidade deve acessar o site <http://port.pravda.ru> Conto também com o apoio do *As Artes entre As Letras*.

Como é que o Centro Lusófono Camões está a lidar com o Acordo Ortográfico? Que grafia estava a ser seguida?

O Centro entende que os estudantes devem conhecer como era a ortografia antes do Acordo Ortográfico e como é a atual, recomendada também pelo Instituto Camões.

A propósito, tem uma posição sobre o assunto?

Sou francamente favorável ao Acordo Ortográfico e acredito que, desta vez, temos um acordo que tem tudo para dar certo. Precisamos entender que ninguém é dono da língua, ou seja, seus donos são seus usuários, vivam onde viverem. Somos mais de 230 milhões de indivíduos que se orgulham de se comunicar em português, entre os quais, mais de 180 milhões de brasileiros, além, naturalmente, de grande número de indivíduos que utilizam o idioma como segunda língua. Tendo dois sistemas ortográficos, o português não podia ser contado como língua de cultura tão amplamente expandida, pois a língua de cultura é representada por um padrão de língua escrita culta. Dessa forma, o Brasil ficava isolado dos outros sete países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que utilizam o sistema ortográfico de Portugal. O Brasil sentirá menos as mudanças porque elas ocorreram praticamente só na acentuação gráfica e na hifenização, enquanto os outros países tiveram de abrir mão de numerosas letras que só eram utilizadas por força da origem das palavras, sem qualquer amparo na pronúncia (ou na fonética). Portugal teve a grandeza de aceitar essas mudanças, pois, afinal, os brasileiros constituem quase 80% dessa população luso-falante – e, portanto, em tese, é compreensível que os restantes 20% se “sacrifiquem” mais. Por isso, é natural que Portugal e os demais países de expressão portuguesa sintam mais as mudanças. Além disso, nos países africanos e no Timor Leste é baixo o percentual daqueles que têm o português como primeira língua. Portanto, para quem ainda não tem o domínio da ortografia, com o novo sistema será mais fácil aprender o português do que com o anterior. Na relação internacional, é de ressaltar que teremos a nossa língua (unificada) oficializada na Organização das Nações Unidas, que hoje reconhece a Língua Portuguesa com as regras de escrita observadas só em Portugal e nos demais países de língua oficial portuguesa (Palops). Com a língua unificada, haverá ainda maior possibilidade de ampliar o Ensino a Distância (EAD) pelos sistemas virtuais. Ao mesmo tempo, haverá um significativo barateamento no custo das edições de livros, pois o mercado será ampliado tanto para as editoras do Brasil e de Portugal como também para as dos demais Palops. Também não serão necessários mais dicionários com verbetes na ortografia brasileira e ortografia portuguesa. Com o idioma unificado, será mais fácil àquela pessoa que não tem o português como língua materna aprender o nosso idioma e torná-lo a sua segunda língua.



omirov, vice-director do Museu Dostoievski em São Petersburgo (e não Vadim Kopyl como se publicou na edição anterior, pág. 10)



Carlos Vaz
escritor

Porque não estão os nossos autores no Rio?

De destacar o desaire dos jornalistas que confirmaram a fraca presença de autores portugueses na XV Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Para quem desconhece, este evento é uma admirável oportunidade na promoção de autores na América Latina. Por lá terão passado cerca de 600 mil visitantes, leitores ávidos de novidades editoriais à procura de novos criadores... e de Portugal, uma vez mais, nada ou quase nada ouviram falar.

Tal como na economia, podemos dizer que o estado da literatura portuguesa assemelha-se às contas da agricultura: apesar de muita terra por lavrar e muito lavrador com vontade, os cereais literários continuam a ser estupidamente importados para se venderem por cá. Como chegamos a este estado? Não é nenhum mistério, eu explico.

Perdoem-me a analepse e remontemo-nos aos anos oitenta, falava-se então que Portugal era um país sem grande qualidade na tradução que fazia, as livrarias viviam fervorosamente de autores nacionais e se da vida pessoal dos autores pouco se publicava, sobre as obras corriam linhas de análise em suplementos e revistas literárias, onde se dava um verdadeiro destaque à obra, enquanto o autor era remetido para um espaço de libido sem grande interesse.

No início dos anos noventa, a par de tudo o que fazíamos por cá, comentava-se que ainda havia demasiada literatura nacional nas nossas livrarias. As poucas traduções existentes eram feitas do francês e do inglês, adulterando a correcta tradução de algumas línguas nativas, como a dos autores russos, por exemplo. Mas foi precisamente nos finais da década de noventa e princípio deste século que a tradução irrompeu com extrema força no mercado literário português.

Quando ouço e leio referências que em Portugal se edita um livro por dia, é de realçar que a maior fatia está nesta aguerrida tradução. Qualquer leitor pode verificar facilmente, num breve soslaio pelos escaparates, que apenas um quinto do espaço, talvez menos, é cedido a autores lusófonos (real-

ce-se lusófonos em vez de autores portugueses). Encontrar os autores que proliferavam nos anos oitenta é agora um cabo das tormentas, as montas são pequenas e o melhor é encomendar (se já não foi guilhotinado). Por sua vez, ao autor estrangeiro é-lhe dado todo o espaço da prateleira. Nenhum autor nacional consegue fazer frente à tempestuosa invasão de cartazes dos livros de sagas, ou chagas, como ironicamente lhes chamo, daí cada vez menos sermos um país de escritores e antes de tradutores.

As livrarias aparecem como condenadas a desaparecer, agarram-se ao que podem e como podem para subsistir no deserto da leitura (pois, como já vos disse, apesar de se ler mais, não é sinónimo de que se está a ler melhor). Para não desaparece-

rem, as livrarias «familiares» são obrigadas a sair à rua, levarem a casa às costas de feira em feira. Nos espaços onde os livreiros são feirantes, não se propõe, antes se impõe a leitura da venda traduzida.

As grandes editoras têm o mercado que ambicionam, têm todo o espaço da feira, elas são as donas da feira. Importam os livros que lhes são apresentados como pacotes de sucesso experimentados. Para quem não sabe, há uma espécie de olheiros, como no futebol, à procura destes sucessos literários rapidamente vendíveis, depois basta apenas a importação obedecendo aos mesmos passos promocionais já aplicados. Comprar o que vem do estrangeiro traz maior segurança e menor risco. Tudo foi experimentado lá fora, é só necessário repetir cá dentro.

Um outro aspecto é o desvio da atenção dos leitores para os voyeuristas da vida pessoal dos autores. Estes últimos tornaram-se populares. Em vez de um real destaque às obras, o que nos é vendido é o próprio autor. Uma espécie nova de metroescritores, perto do público, em cima do público, dentro do público... esses sim são bons autores portugueses, os outros que se encauam nos papéis à moda antiga, lá pelas aldeias, há muito que o deixaram de o ser. Hoje a obra tomou o mesmo desvio do objecto publicitário, tal como na publicidade, agora o autor aparece até ao fim e só nos últimos segundos se mostra a capa da obra, sem se falar dela.

Mas afinal, porque não estão os nossos autores no Rio? Por que motivo não exportamos mais cereal literário? Por que razão me apetece traduzir cada vez mais e escrever cada vez menos? De tanto puxarmos para dentro, pouco empurrámos para fora, o autor português está assim condenado a ser uma imagem da esquizofrenia dos dias, um fantasma que espregueia na esquina das revistas, esmagado pela gravidade voyeurista que não o deixa sair daqui. Claro que há excepções, boas e raras excepções, mas a dimensão do texto não me permite falar delas... fiquemos por aqui.





Cristino Cortes
escritor

Pequenos gestos

Eu compreendo que, face à vastidão dos problemas ambientais com que, nas mais diversas áreas, os meios de informação nos inundam, subjagam e quase esmagam, um qualquer de nós se sinta diminuído e um tanto dispensável. Afinal, poderemos perguntar-nos, que culpa é que eu tenho disto? E, por outro lado, o que eu fizer terá algum efeito? Mas a questão não é esta, oh meus amigos. A pergunta certa é a que nos anos sessenta do século, e milénio, passados um Presidente norte-americano, John Kennedy, colocou aos seus contemporâneos. O que cada um deveria interrogar-se, explicou, não era o que a América poderia fazer por cada um deles – mas sim o que cada um deles poderia fazer pela América. Sábia lição!

O que eu hoje vos queria trazer era, apenas, o humilde testemunho de como os pequenos gestos que cada um de nós pode fazer não são inúteis. Apesar de aparentemente diminutos, mesquinhos ou sem valor, eles não deixam de ter a sua importância. No fundo contam e de muitos poucos, com persistência e engenho, se pode fazer muito.

Como decerto para tantos de vós há lá em casa tarefas que me estão atribuídas com regularidade. Uma delas é a de fazer algumas compras. Todos os dias, antes de sair de casa, vou à padaria. Todas as semanas, nas manhãs de sábado, vou ao supermercado. E, ao fazê-lo, comecei a sentir-me submerso por uma quantidade de sacos de plástico que nunca mais acabavam... Da padaria todos os dias trazia um, do supermercado calculo que a média seriam os sete ou oito. Chegava a casa, arrumava as coisas, e interrogava-me: o que é que eu faço a isto, aos sacos?

E então comecei a guardá-los. No dia seguinte, nada me custava, dobrava o que a padeira me dera no dia anterior – e surpreendia-a, estendendo-lho juntamente com o pedido:

- São duas integrais, D. Clotilde, se faz favor. E acrescentava, para explicar o saco, isto é preciso poupar no material.

Para o supermercado arranjava um maior, onde metia os outros e igualmente dispensava os que a empregada da caixa me queria dar. Tinha algum cuidado, obviamente; não iria lá, por exemplo, com produtos da concorrência. Mas não deixava de ser curioso andar, às vezes em pleno Agosto, ainda com sacos do Natal precedente... Eu bem via, aliás, que as raparigas se admiravam com o meu comportamento. E na pa-



daria rapidamente passei a ser conhecido como o senhor do saco.

Fosse como fosse, oh meus amigos, o facto é que dentro de algum tempo o supermercado começou a incentivar os seus clientes a reutilizarem os respectivos sacos. Isto é, começou a vendê-los, em vez de simplesmente os dar. Medida acertada, parece-me, para todos os intervenientes.

A quantidade desse derivado do petróleo que assim não vai poluir o nosso meio ambiente é capaz de ser considerável e pode mesmo ser calculada; o custo adicional do cliente ao pagá-los é desprezível, tão baratos eles são; o supermercado compromete-se a reflectir essa receita adicional na baixa do preço dos produtos, e assim como que a devolve aos clientes que primeiro a suportaram. Assim todos lucram – e não creio



que alguém perca seja o que for.

E eu, às vezes, desculpem-me a pequena vaidade, aos meus botões interrogo sobre se não terá sido a minha maluquice a dar-lhes a ideia. A baixa dos preços que assim anunciam é difícil de ser verificada na prática, tantos são os factores que para ela simultaneamente concorrem. Mas a quantidade de matéria dificilmente biodegradável que, em cada ano, por esse gesto aparentemente gratuito e inútil, se pode poupar, essa é considerável, oh meus amigos.

Garanto-vos que cada um de vós ficará impressionado com esse cálculo – se, como eu, o fizer. Não é preciso ser um barra em matemática. Basta imaginar que cada saco é utilizado três vezes, por exemplo; que em cada semana se utilizam seis; que cada um deles pesa um grama; que em

Portugal há, por hipótese, cinco milhões de consumidores regulares.

É com esse repto que vos deixo – e ainda com o desafio adicional de «inventarem» outros comportamentos em que o mesmo princípio de racionalidade e preocupação ambiental, de limpeza e saúde, possa ser seguido. O mundo, oh meus amigos, depende de cada um de nós – e dos muitos poucos que cada um de nós todos os dias por ele puder fazer. Os pequenos gestos contam mesmo, estejam certos disso; curtos passos, juntos, fazem uma longa caminhada.

Eça & Outras



J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria

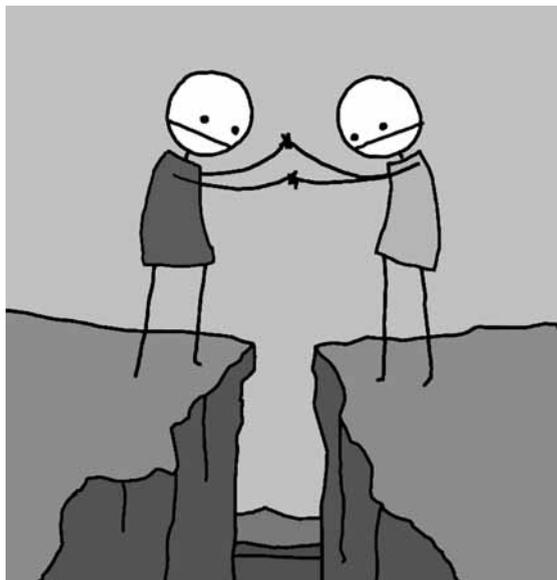


Foi você que pediu regiões autónomas?

Existem as regiões autónomas, aqui, ali, ou acolá, por isto, por aquilo ou por aquela outra razão que a História nem sempre conhece ou reconhece, ou simplesmente regista. Na maior parte dos casos trata-se de regiões, ilhas ou arquipélagos onde existe em maioria um povo com uma origem étnica bem demarcada, às vezes com língua ou dialeto próprio, com alguns aspetos culturais bem determinados e que quer ter nas suas mãos o seu próprio destino, independentemente de estar agrupado, filiado, confederado ou outra situação qualquer, numa comunidade maior, ou seja, numa nação. Ora essa autonomia tem de começar por ser económica, pois de outro modo, ou a tal “região autónoma” parasita a comunidade nacional, com o repúdio e rejeição mais ou menos declarada dos restantes cidadãos, ou se transforma num protetorado estrangeiro, e toda a sua “autonomia”, além de parasitária torna-se ridícula. Creio não haver muito mais pontos de vista sobre este assunto. É a mesma coisa que ter em casa um filho gastador ou esbanjador e que ainda se permite dizer ao pai e à mãe como devem gerir a família. Pelo contrário, todos os pais terão orgulho em filhos sensatos, trabalhadores, com bom nome na praça, apontados como exemplos, e a quem nunca regatearão qualquer “autonomia” pois, desejando que a tenham, sabem que ela será sempre afetuosa e solidária.

No primeiro caso, quem é que querará ter um filho trapaceiro no Conselho de Família? E para quê? Para lhe dar mau nome e a sua irresponsabilidade ter de ser aturada? No segundo caso os filhos são sempre bem vindos porque sabem ser desejados e não aborrecidos. Tudo isto a propósito de regiões autónomas, que nunca ninguém perguntou aos portugueses se as queriam ter em Portugal e se queriam pagar as fantasias da sua existência. Partindo do princípio que os madeirenses e os açorianos querem ser “autónomos”, alguém se esqueceu de perguntar aos minhotos, aos transmontanos, aos alentejanos, etc, etc, se querem pagar aquelas autonomias que, a estes últimos, não lhes servem para nada, a não ser para

aumentar o deficit. Um dos princípios das nacionalidades é a solidariedade entre as regiões a qual tem de ser equitativa e recíproca. Ora não é o caso. Sem irmos mais longe, as regiões autónomas têm atualmente leis feitas por si contrárias ao espírito da nação, como é o caso da eleição dos seus presidentes, que podem sê-lo até morrerem centenários e xexés, enquanto que o Presidente da Republica só pode fazer dois mandatos seguidos, ainda que no auge das suas capacidades. Há aqui qualquer coisa de perverso que não dignifica nem a Democracia nem Portugal. Como escreveu um dia Eça de Queirós, «a intriga política alastra-se sobre a sonolência enfastiada do País. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião, com padres-nossos maquinais. Não é uma existência, é uma expiação. E a certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências: Diz-se por toda a parte: «o País está perdido!». Ninguém se ilude. Diz-se nos conselhos de ministros e nas estalagens. E que se faz? Atesta-se conversando e jogando o voltarete, que de Norte a Sul, no Estado, na economia, na moral, o país está desorganizado e pede-se conhaque! Assim todas as consciências certificam a podridão; mas todos os temperamentos se dão bem na podridão!» (Uma Campanha Alegre). Teremos de ser mesmo assim? Foi você que pediu regiões autónomas? E sabe para que servem a Portugal?



Curso livre «Eça de Queirós, sua vida, sua obra, sua época»

Em 2008/2009 a Academia Eça de Queirós (ASCR-CQ) em colaboração com a Gaianima EEM organizou no Solar Condes de Resende a 1.ª edição deste curso que teve como professores Isabel Pires de Lima, J. A. Gonçalves Guimarães, Arie Pos, Luís Manuel de Araújo, Mário Vieira de Carvalho, Maria Teresa Lopes da Silva, Norberto Barroca, José Manuel Tedim, Nuno Resende e Carlos Fiolhais. Nesta segunda edição, diferente da primeira pelos temas, perspectivas e abordagens baseadas nos mais recentes estudos e teses académicas, teremos como professores, entre outros, José Manuel Tedim, Luís Manuel de Araújo, J. A. Gonçalves Guimarães, Anabela Mimoso, José Maia Marques, Nuno Resende, Jaime Milheiro e Fernando Coimbra. O curso terá início no sábado dia 29 de Outubro, e decorrerá ao ritmo de duas sessões por mês, entre as 15 e as 17 horas. Orientado para todo o tipo de público, interessa sobretudo a estudantes de Língua e Cultura Portuguesa, de História da Cultura e das Mentalidades e, de um modo geral, a todos os interessados na vida e obra de Eça de Queirós e na História de Portugal e do Mundo na 2.ª metade do século XIX e das suas consequências até aos dias de hoje. E, além do mais, é uma excelente oportunidade de convívio num espaço excepcional com queirosianos de todas as idades. Gente simpática é outra coisa. A todos os inscritos, para além de bibliografia adequada da autoria dos professores, será entregue um certificado de frequência.

Email: queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outras.blogspot.com
Coordenação da página:
J. A. Gonçalves Guimarães

endereço postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V. N. GAIA - PORTUGAL
Tel. 227513365 Fax. 227629662
Telemóvel: 968193238

«Excertos...» de Fernando Barros

«Excertos...» é o título da exposição que decorrerá de 3 a 18 de Novembro no Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no espaço-galeria do Ciclo Cultural. Organizada pelo Ciclo Cultural da UTAD, a mostra procura dar a conhecer uma nova faceta do trabalho do pintor amarantino Fernando Barros.

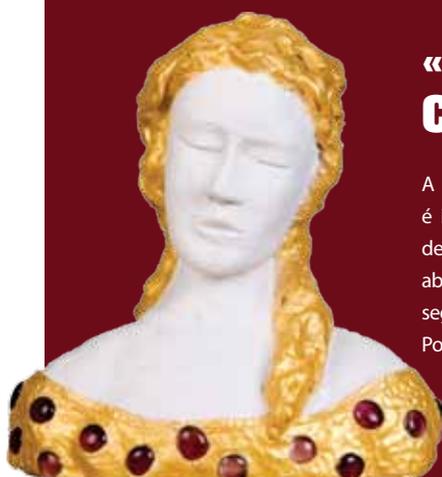


Excisão (acrílico s/ tela)



Arquitectura sacra

Até 4 de Novembro, a exposição «Frate Sole» está em exibição na Universidade Católica no Porto. A mostra integra 17 painéis de edifícios religiosos cristãos premiados na mais recente edição do concurso «Frate Sole» e maquetas dos três projectos portugueses que foram a concurso.



Mulher medieval

«O Ponto Crítico»

A exposição «O Ponto Crítico» é inaugurada no próximo dia 4 de Novembro, 18 horas, – com abertura oficial ao público no dia seguinte, às 16 horas – na Galeria Por Amor à Arte, Porto. A obra plástica de Beatriz Pacheco ficará patente ao público até ao fim do mês de Novembro.

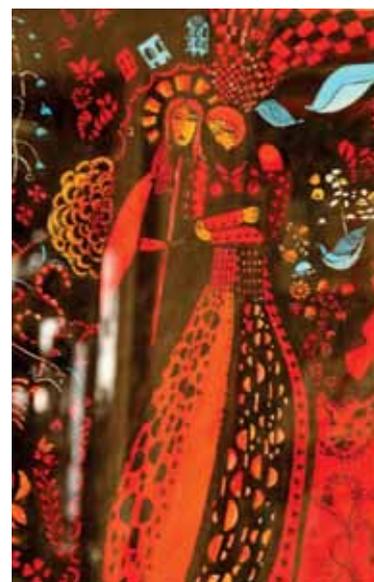


«Circus» no Clube Literário

A exposição de pintura «Circus», da autoria de Alexandre Rola, está patente ao público até ao próximo dia 30 no Clube Literário do Porto. Uma percentagem das vendas dos trabalhos expostos reverte para uma instituição de solidariedade.

Colectiva no Majestic

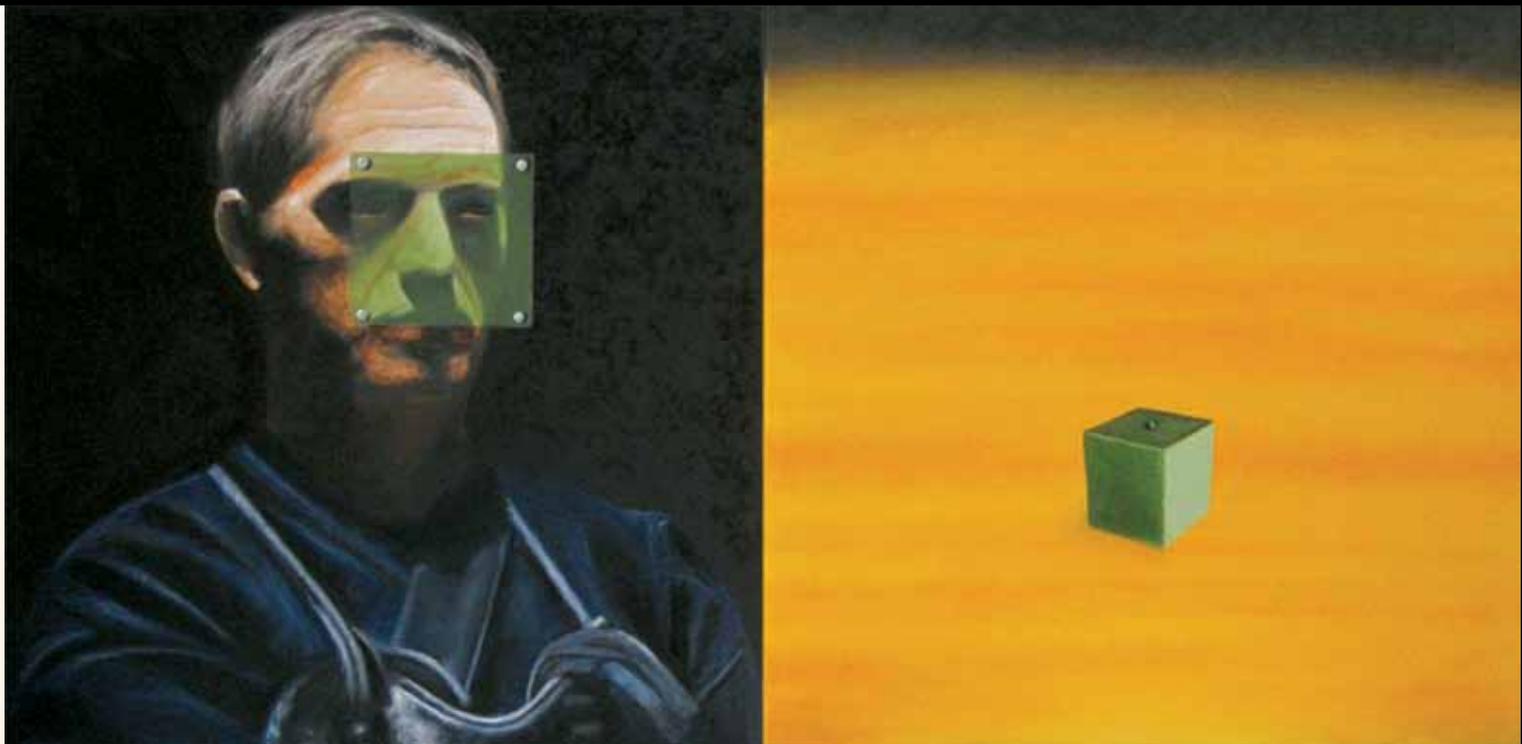
Está patente até ao próximo dia 29 na galeria do café Majestic, Porto, a exposição de pintura e fotografia «Porto Sentido». Adolfo Amaral, Antónia Portto, Barreiro de Magalhães, Cidália Baltazar, Dulce Magalhães, Fernando Mendes, Helena Barros, Helena Sengo, Hermínia Silva, Mauds, Nelson Maia, Olga Branco e Rui Sousa integram esta colectiva do denominado Grupo de Pessoas Solidárias.



Alexandrina Costa na UNICEPE

A UNICEPE - Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto acolhe até ao fim de Novembro a exposição de pintura da artista Alexandrina Costa. Pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 10 às 19 horas, e sábados, das 10h30 às 13 horas.





"Conductor", bípatico, óleo sobre tela 100x50

Mergulhar na estética do realismo

«Águas para almas» é o nome da exposição individual de Henrique Vaz Duarte que, a partir do dia 5 de Novembro, vai dar vida ao Museu do Douro, com 35 obras onde o realismo e o hiper-realismo dizem presente.

Maria José Guedes

Esta mostra não é uma retrospectiva de todo o percurso do artista. São 35 trabalhos inéditos, a óleo, onde o realismo e o hiper-realismo nos fazem viajar pelos autênticos «fotogramas» de imaginadas peças de teatro, em actos de humanidade. Cada obra e cada conjunto de telas contam histórias em pequenos episódios, como se o observador estivesse atrás de uma potente objectiva, que não se limita a captar o objecto e o elemento humano, mas sim um denso texto, uma “janela aberta para o mundo”, como nos ensinou Leonardo Da Vinci. «Águas para almas» “tem uma certa relação plástica com aquilo que tenho feito desde há uns anos. A ideia desta exposição é mostrar pintura nova, mas com esse fio condutor, imprescindível mas transformável: a foto.” Henrique Vaz Duarte não se limitou a retirar o significante às cores, conferindo-lhes significados que encerram poemas de vidas. Ele proporciona, com a sua arte, um passeio inesquecível, um mergulhar na profundidade de uma onda que seguimos com olhar colado aos dípticos, trípticos e polípticos. E depois, nos seus últimos trabalhos que são de grande dimensão, quase se perde o fôlego; sentimos que nos engolimos e ficamos presos numa quinta dimensão ainda por descobrir. Henrique Vaz Duarte ensina que esta “exposição é um passeio pelas cores, por uma paisagem que se pretende completamente sui generis e que procura atrair a observação cuidada”. O facto de este pintor partir sempre de elementos que têm a ver com o cinema e com a fotografia, transporta-nos para uma história onde seu avô e seu pai tiveram responsabilidade acrescida. “O meu avô era fotógrafo profissional e tinha o seu estúdio em Aveiro. Na época, teria 14 empregados e

trabalhava-se apenas a preto e branco. Lembro-me de ter nove, dez anos e entrar várias vezes na câmara escura. Presenciava aquela alquimia, o nascimento mágico da imagem no papel. A revelação era uma arte fantástica. Mais tarde foi o meu pai, que também fotografava muito, que me ensinou a técnica fotográfica, o uso do telâmetro, da abertura, da velocidade, do enquadramento. Tirar uma foto era um ritual e um mistério. Só ao fim de semanas, com o rolo esgotado, se podia conhecer da paisagem, com mais ou menos excesso de luz. Estes ensinamentos marcaram-me. Bem, e a minha avó também desenhava...”. Como se costuma dizer a arte está-lhe na «massa do sangue» e por isso não se lhe consegue escapar. “A minha pintura tem sempre a fotografia como instrumento e como auxiliar. É-me quase impossível pintar um quadro, sem ter um apoio fotográfico. Recolho o que existe na internet, no cinema, no baú dos álbuns de família..., em todo o lado. Ou construo cenários com modelos. Depois manipulo a foto e construo através da fotografia uma possível paisagem. Simultaneamente vou desenhando as propostas, para seguidamente transformá-las em pintura. Quando pinto, já está tudo concluído. Pintar é, já, a arte final”. Henrique Vaz Duarte que trocou a toga pela paleta de cores, já participou em várias colectivas, assinou individuais, quer em Portugal quer «lá fora», e apesar destas «águas para almas» ser a maior exposição que fez em mais de vinte anos de percurso artístico documentado, ainda não é a EXPOSIÇÃO. Essa “ainda virá, uma retrospectiva, mas terá sempre um fundamento fotográfico. Mesmo que sejam trabalhos novos ou outros que tenham uma relação com o passado, terá de haver sempre uma ligação muito grande com a fotografia. E o que estou a dizer não é novidade nenhuma. Fotografia e pintura an-

daram e andam de mãos dadas. Já desde o século XIX, os impressionistas e pós-impressionistas pintavam de acordo com a informação fotográfica. Cito, entre muitos,



Toulouse-Lautrec, Manet, Courbet, Dagnan-Bouveret cuja composição das suas obras tinham suporte fotográfico.” Henrique há perto de dez anos que não expõe individualmente. Aliás, “a última que fiz foi em Edimburgo, na Solo Gallery e foi há oito anos. Deixei de expor para fazer trabalho de encomenda. Mas, houve uma altura em que estava muito presente em exposições de artes plásticas, nomeadamente nas colectivas da Aveiro-Arte e da Cooperativa Árvore. Foi no período dos anos noventa. Mas, como advogado, tinha sempre este handicap profissional. Pintava, ou à noite ou ao fim-de-semana, sempre condicionado pelo tempo e pelos prazos. Agora, como me dedico inteiramente à pintura, tenho liberdade completa para pensar sem pressa nos trabalhos”. Regressando ao passado e na abordagem que faz à história da arte e às correntes pictóricas que o influenciaram, explica: “nos anos 70, veio aquela explosão do hiper-realismo que teve o seu primeiro impacto na exposição “Documenta” em Kassel, Alemanha. Até aí estávamos no campo do abstraccionismo e gestualismo total. O surgimento do hiper-realismo, ao transferir para a pintura o cenário banal do quotidiano urbano, tratado ao pormenor e promovendo a grande dimensão, representou um vento contrário. Mesmo que esta corrente, no seu sentido mais purista, seja caracterizada por ausência de emoção (os quadros hiper-realistas faziam conjunto com a pintura minimalista e eram colocados lado a lado) não deixou de marcar como movimento influente na arte contemporânea. E, Chuck Close ou Ralph Goings impressionam-me tanto como Magritte ou Delvaux.” Nas suas obras, teima em elementos identificados de imediato, ou melhor dizendo “tenho sempre um elemento que é fixo. Lembro o trabalho que o meu avô fazia, obrigando o cliente a estar quieto, na fotografia de estúdio. As palavras: quieto, não mexa, representavam a apologia do estático. Contudo, o que para



mim era intrigante, na altura, era o facto de ele fotografar a preto e branco e depois utilizar a cor como pintura, na própria fotografia. Nascia a fotografia a cores, manual. Era a pintura ao serviço da fotografia. Eu faço exactamente o contrário. Por outro lado, exijo dos meus quadros uma relação muito grande com a realidade, com um objecto real e imutável, que eu não consigo disfarçar nem sequer quero retocar. É que a cadeira é a cadeira, o brinco é o brinco, os sapatos são os sapatos e ponto final. A partir daí, posso modificar e completar a paisagem, mas não toco na estrutura, que a realidade me dá. Porém, posso corrigir a fotografia, unicamente porque, por vezes, tem erros. A fotografia pode estar exactamente certa e ao mesmo tempo completamente errada. A sombra prolongada de uma árvore, o desfoque do segundo plano, as figuras fantasmas dum “travelling” exagerado, podem representar situações correctas no tempo real, mas desfasadas no território da pintura. Daí a manipulação e a construção dum ambiente diferente, estabilizando a paisagem. E isso só se consegue “estragando” o momento que a foto nos dá.” À pergunta clássica sobre a presença do elemento feminino na sua obra, Henrique Vaz Duarte repõe a verdade “não é bem a questão do elemento feminino, trata-se mais do elemento humano. A minha preocupação é o tratamento da figura. Quero retractá-la exactamente como ela é. Impossível transformar os cânones e alterar a composição e dimensão anatómica das formas. Prefiro o academismo rígido à deturpação. Posso modificar a ramagem da árvore mas, em termos de figuração humana, não altero absolutamente nada. Apenas posso alterar o “estar”. Poder-se-ia dizer, que se trata de uma postura que dita a não manipulação da alma. Nesta «águas para almas», o pintor envolve-se “com o mar, com o rio, com o líquido, com o movimento, com o fluído”, e a cada tela, a cada conjunto de telas sentimo-nos acompanhados por histórias, por poesias, e isso está lá, ainda que não esteja. “Para mim, qualquer pintura tem de mostrar uma pequena história, ainda que seja o mais ilegível e inatingível possível! Há sempre uma história, um ponto de apoio, uma mensagem. Senão evapora-se”. O facto de essas histórias não serem perceptíveis, do mesmo modo, a cada observador, podendo até a mensagem ser completamente desvirtuada, não incomoda o autor. “A partir do momento em que o quadro está exposto, fica naturalmente sujeito à construção que o observador entender. De mais a mais, o tipo de pintura que apresento é forçosamente vulnerável a uma leitura imediata, onde o exercício intelectual está circunscrito a uma imagem que é real. Mas, é a partir daí, dessa imagem, desse ponto de apoio, que se pode divagar de acordo com a mensagem oferecida, seguindo os sinais apresentados na tela. Não peço o deslumbramento, peço a atenção aos mecanismos e aos elementos que estão nos quadros e, se existir uma comunhão de ideias e de espaços entre o observador e a pintura, pode acontecer o namoro químico, o clic. É essa inquietação, do estar e não estar, que faz lembrar Roland Barthes; é o reflexo das reflexões que estão presentes na obra de Henrique Vaz Duarte e que o manteve ocupado, muitos e lon-

especial

gos meses, na preparação do que é imperdível visitar, a partir de dia 5 de Novembro, no Museu do Douro. “ Para esta exposição, eu comecei a trabalhar em pintura, propriamente dita, no dia 1 de Agosto. Porém, tudo que envolveu trabalho fotográfico e desenho, foi um longo estágio que demorou meses. Assim, em Julho já tinha o projecto todo pronto, com toda a informação recolhida, as fotos catalogadas e os desenhos concluídos. Só faltava pintar. E iniciei a pintura a 1 de Agosto. Trabalhei diariamente, de sol a sol: uma perfeita empreitada! Não me perdoei. Porque tenho de trabalhar com método e disciplina. Caso contrário, não acontece pintura. Acontece fingimento disfarçado em liberdade criativa ad-hoc. Espontaneidade, na minha pintura, é recuar. Voltar ao desenho. E se, por qualquer motivo, resolvo modificar o “background”, será o mesmo que atraiçoar todo o projecto de fotografia e desenho que subjaz à pintura. Aí, estou na cosmética apressada. Estou a fingir. Mas, se eu quiser fingimentos, tenho a área anterior do desenho, para me dispersar pela livre poesia.” A singularidade do artista está ainda no método da execução da obra. A tradicional colocação da tela no cavalete e a postura clássica do pintor - que vai pintando e observando o que faz - não será para Vaz Duarte o método praticado. “Pinto muitas vezes ao contrário, colocando o quadro de pernas para o ar. Principalmente nos quadros de maior dimensão. A superfície de azul a pintar é a mesma que a foto informa. Os espaços, as manchas, os dégradés são também os mesmos. Pintar, com o quadro invertido, é esquecer o comando da realidade e avançar por planos e traços desconhecidos. As manchas e os limites das manchas são iguais às da foto, mas desinteresse-me de saber se estou a pintar a sombra da gola do casaco ou o ombro. Vou abstraindo-me da cena. É como perder a noção da realidade, mas sem perder a ideia de controlo. A vantagem desta atitude, representa um descanso para os olhos. E quando me aproximo da conclusão da obra e coloco o quadro direito, dou de caras com uma pintura aparentemente nova. Depois a estranha pergunta “Fui eu que fiz isto?”. Henrique Vaz Duarte, após a licenciatura em Direito, chegou a frequentar a Escola de Belas Artes de Lisboa, no ramo Artes Plásticas e Design, mas o Mestre Lagoa Henriques, professor da cadeira de Desenho I, depois de o ter desafiado a desenhar a Vitória de Samotrácia, “disse que não estava lá a fazer nada, que estava a perder tempo. Aconselhou-me a ir para casa pintar e expor”. Das palavras aos actos, «águas para almas» é, ao fim e ao cabo, a sua primeira exposição como artista plástico profissional, desvinculado já da advocacia e com a realização pictórica em perfeito full-time. Amante da história e cultura celta quase até à exaustão, conhecedor assíduo da Escócia, aprendeu gaélico e chegou mesmo a contribuir para a construção do edifício Centro das Artes An Lantair, em Stormway, capital das Hébridias. Há perto de 7 anos, Henrique e sua mulher Isabel, também ex-advogada, recuperaram a propriedade setecentista no Douro, Quinta do Ervedal, património de família, transformada agora em turismo de habitação e onde presentemente vivem. E é lá que está o atelier. Mas, voltando à exposição, caberá perguntar por que motivo, para uma mostra hiper-realista, acentuada por cheirinhos surrealistas, se optou pela escolha do título “águas para almas”: “...certo dia, na Quinta do Ervedal, recebemos a visita do meu amigo Manuel Pinto Ribeiro. Foi ao meu atelier, olhou para todos os trabalhos e disse: águas para almas. Foi como que um clic. Nasceu a tradução da exposição. Águas para almas é como que respirar. Com os olhos, claro.”

“Divodignas” - óleo sobre tela, 150x170



Sessão cultural na Casa-Museu Adelino Ângelo

A inauguração do busto do mestre Adelino Ângelo – da autoria do artista plástico Eduardo Bompastor – e o lançamento em Portugal do DVD «Olhares sobre a obra de Adelino Ângelo» decorrem no próximo dia 6 de Novembro, na Casa-Museu com o nome do pintor, em Vieira do Minho. Esta sessão cultural, que conta ainda com música e poesia, aproveita igualmente para celebrar os 80 anos do pintor, que conta com um espólio de cerca de 400 obras construído ao longo de seis décadas dedicadas à pintura.

O DVD «Olhares sobre a obra de Adelino Ângelo» abarca o desenho, o retrato figurativo convencional, as paisagens, a vida cigana, os loucos, os mendigos e os cristos. Inclui ainda retratos no âmbito do cruzamento entre o expressionismo e o impressionismo. Começa na casa Museu Adelino Ângelo e termina na igreja da Nossa Senhora da



Oliveira, em Guimarães, onde está um retrato de grandes dimensões do papa João Paulo II da autoria do mestre.

O DVD – que não engloba conteúdos biográficos, é exclusivamente dedicado à obra do artista – será dado a conhecer pela primeira vez no nosso país na terranatal do mestre, mas já foi apresentado em meados deste mês de Outubro em Montevidéu, Uruguai, e São Paulo, Brasil.

«Filho» de Vieira do Minho, Adelino Ângelo Leite de Faria de Lemos Magalhães nasceu no seio de uma família distinta na Casa de Lamas, local que acolhe a Casa-Museu desde o dia 17 de Julho. Cedo teve de sair de casa de seus pais e cedo rumou a Lisboa. Tinha 16 anos e nunca mais parou de desenhar, de pintar. Os seus passos levaram-no para Espanha e para o Brasil, país onde é reconhecido como um dos grandes pintores do século

XX e início do século XXI. E é o único pintor português representado no Vaticano: pintou João Paulo II.

Desenho Diacrónico

Pré-reserva de livro-objecto artístico de **Fernando Lemos**, com texto de **Adolfo Luxúria Canibal**

Edição exclusiva **Perve Galeria**, limitada a 150 exemplares assinados e numerados pelos autores. Inclui reprodução de cinquenta e três obras do artista plástico e poeta português, quinze das quais em serigrafia artesanal. O livro é disponibilizado em estojo manufaturado de elevada qualidade.

perve-galeria2@pervegaleria.eu
www.pervegaleria.eu
t. 218822607

Preço especial
durante o período de pré-reserva



condições especiais de pré-reserva
válidas apenas até
15 de Outubro



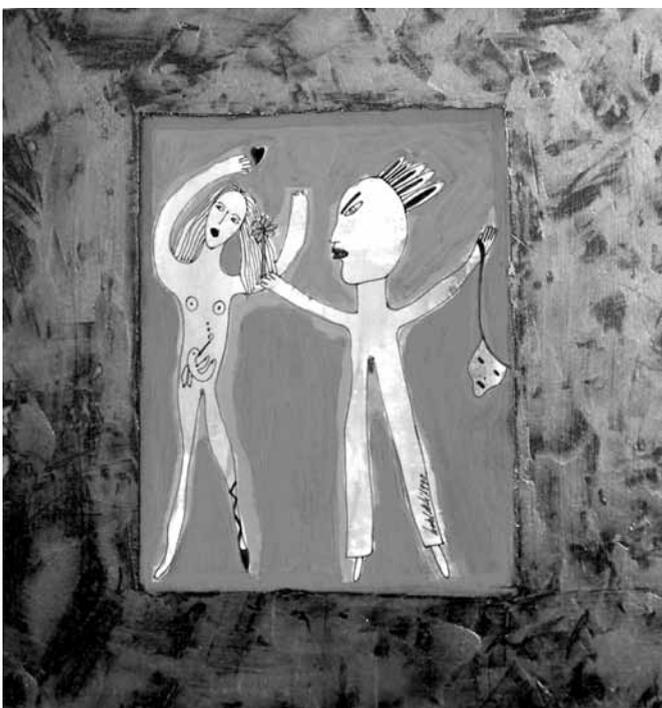
apolo

AS ARTES
ENTRE
AS LETRAS



Júlio Resende em destaque

As exposições «Evocação | Mestre Júlio Resende» e «Caderno de viagens | Júlio Resende paris» estão patentes ao público na Fundação com o nome do pintor, em Valbom (Gondomar). A primeira, na Galeria de Exposições Temporárias até 22 de Janeiro. A segunda está na Galeria do Acervo até 22 de Abril.



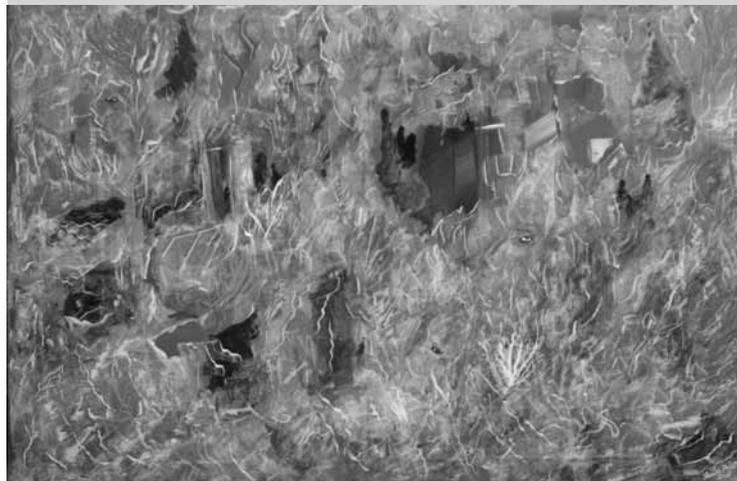
Isabel de Sá na Porto Oriental

A exposição de pintura e assemblage de Isabel de Sá, «Elementos Naturais e outros figurantes», é inaugurada no dia 4 de Novembro, 21h30, na Galeria Porto Oriental. Esta mostra estará patente até 31 de Dezembro.

«O Universo e o Tempo» até 23 de Novembro

Luísa Prior expõe na Casa-Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia, a mostra «O Universo e o Tempo». São 20 quadros, onde se inclui um auto-retrato em graffiti e sanguínea. Sobre a obra, o director do espaço que acolhe a exposição escreveu: «Pintura onírica de natureza em explosão de cor e texturas de estados de alma que o tempo memoriza em traços e cadências de vivência, marcam as telas de Luísa Prior». Delfim de Sousa falou ainda da pintora para dizer que «não se reserva, não se esconde, não se ilude, não omite, antes pelo contrário, em serenidade de luz, aponta-nos o sonho como possível realidade

a assumir e cultivar. Sobretudo os elementos da natureza n'«O Universo e o Tempo» assumem o despertar nas vidas de comuns mortais que se esquecem de reservar o silêncio para poder cheirar as flores dos bosques, de mergulhar nas águas cristalinas dos riachos, de caminhar pelas folhas caídas que fazem o húmus do dealbar da vida. Talvez a natureza em todos os elementos primários que Luísa Prior nos aponta seja despreocupação preocupada para nos centrarmos no essencial que está tão próximo e tão distante da percepção distraída». A exposição pode ser visitada até ao dia 23 de Novembro.



Literatura e livros

O artista português Julião Sarmento tem uma exposição patente até Janeiro de 2012 no Contemporary Arts Center, Ohio, Estados Unidos. A mostra explora o tema a literatura e os livros e inclui capas em grande escala.





Eugénio Lisboa
escritor

AMADEUS, no Teatro D. Maria

A peça de Peter Shaffer, *Amadeus*, em boa hora encenada no Teatro D. Maria, foi estreada em Londres, em 1979, dirigida por Peter Hall, com Paul Scofield, no papel de Salieri, e Simon Callow, no de Mozart. Foi um espectáculo inesquecível, a que assisti, porque vivia, nessa altura, em Londres. A peça seria encenada na Broadway, também por Peter Hall, com outro grande actor britânico, Ian McKellan, no papel de Salieri, e Tim Curry, no de Mozart. E, em 1984, Milos Forman faria um filme, a partir da peça de Shaffer, com notáveis interpretações de F. Murray Abrahams (Salieri) e Tom Hulce (Mozart).

Vi, como disse, a produção de Londres e, depois, o filme de Forman. Tudo isto para poder afirmar, sem hesitação, mas com orgulho e prazer, que esta produção do D. Maria em nada desmerece daquelas duas. Diogo Infante, no Salieri, e Ivo Canelas, no Mozart, são simplesmente magníficos. A encenação de Tim Carroll é de grande beleza e eficácia e de um espectacular contido mas omnipresente. O naipe dos restantes actores não desafia.

O teatro, que teve oficiantes como Sófocles, Eurípedes, Shakespeare, Racine, Goethe, Tchekov, Ibsen, Strindberg, Shaw, O'Neill, Pirandello, Montherlant, Anouilh, Gil Vicente, Garrett e outros, tem tido, até bem recentemente, mau nome e mau cheiro, aos olhos, ouvidos e nariz de autoridades religiosas e profanas. E até, nem sempre, se trata de censores: às vezes, era mesmo desprezo, mal fundado, mas convicto. O eminente Nietzsche, tão arguto, tão sensível às artes, tão pouco de ir na onda repressiva, não teve vergonha de dizer coisas como esta: "O teatro não passa de uma manifestação inferior de arte, algo que se adapta ao gosto das massas, quando este é falseado por amor delas". A coisa vinha de longe, visto já o imperador Augusto – que não foi homem de somenos – ter mandado chicotear o actor Epiphanus, enquanto este dava três voltas ao enorme palácio imperial, por se ter atrevido ao sacrilégio de representar, na sua presença, em dia feriado. Dos actores e atrizes, então, é melhor nem falar. Para dar só um exemplo edificante, o concílio que teve lugar em Arles (França), no ano de 314, por via do seu canon 5, fez excomungar todos os actores e atrizes, por estes serem considerados seres infames, sendo-lhes, portanto, recusados os sacramentos da Igreja, mesmo em artigo de morte. Diogo Infante, Ivo Canelas e a restante e meritória troupe do D. Maria já estão a ver do que se safaram por não serem franceses nem

terem vivido em França, no século IV! Estamos, felizmente, noutros tempos e, pelo menos, no mundo ocidental, nem os actores são excomungáveis nem a censura atormenta os dramaturgos, embora, já bem dentro do século XX (até, pelo menos, ao fim da segunda guerra mundial), ela (a censura teatral) existisse em Inglaterra e tenha tido, entre as suas vítimas, dramaturgos do gabarito de um George Bernard Shaw.

Seja como for, a bela peça de Peter Shaffer sobre um episódio não confirmado (e, mais do que provavelmente, sem fundamento), na vida de Mozart e do compositor seu contemporâneo, Salieri, é um meditação dramática e dilacerante sobre o papel corrosivo da inveja. Sendo Mozart o compositor que foi – provavelmente, o maior prodígio no campo da música, em qualquer tempo –, não era fácil ser-se seu contemporâneo e, muito menos, seu competidor... O seu génio – em qualidade, variedade e quantidade – era tal, que, habituando-se demasiado a ele, haveria, para alguns, tendência a desvalorizá-lo. O abade Galieni, por exemplo, numa carta a Mme. d'Épinay, dizia, displicentemente, que Mozart era "sempre o mesmo milagre" e que, portanto, nunca passaria de ser um milagre... E Victor Borge, comediante, pianista e maestro dinamarquês, afectuosamente conhecido como o Príncipe-Palhaço da Dinamarca, observava, com fina ironia, que Mozart, sendo um pouco sobre o preguiçoso, só tinha começado a escrever óperas aos doze anos... Um ser assim, ainda por cima, um pouco fala-barato e espalhafato (como alguns o julgam, através da correspondência), tinha tudo para irritar um contemporâneo menos prodigiosamente dotado, ainda que com talento. O Salieri, na peça de Shaffer, considera-se a si próprio um irremediável medíocre, o que convinha ao dramaturgo, para levar a água ao seu moinho, estando, nisso, em seu pleno direito – *Amadeus é arte e não história*. Mas o Salieri que realmente conviveu com Mozart era um compositor respeitável, companheiro de Gluck e de Haydn e professor (apreciado) de Beethoven e Schubert. Foi Pushkine quem, no seu diálogo dramático *Mozart e Salieri*, pôs a correr a versão dramática de que o italiano teria envenenado o autor de *A Flauta Mágica*. Shaffer aproveitou a ideia para congeminar a sua peça sobre os malefícios da inveja, na qual evidencia, de modo dramaticamente belo e eficaz, o aforismo de Píndaro: "Nem mesmo o êxito amacia a ferida do invejoso".

O sentimento de inveja é perfeitamente recebível

numa grande obra dramática, até com tinturas óbvias de tragédia, como é o caso deste *Amadeus*, de Peter Shaffer. Racine observava ser "essa tristeza majestosa o que faz todo o prazer da tragédia". Pode parecer bizarro falar-se em prazer, a propósito de um relato trágico. Mas, se a memória me não engana, foi Eurípedes quem afirmou que o espectador frui prazer até dos acontecimentos mais trágicos que presença no palco. E quantos, já eu próprio notei, se não terão deliciado, como leitores empolgados, com as desventuras de Simão e Teresa, no *Amor de Perdição!* Num longo monólogo de Salieri, em que este implacavelmente analisa a sua agonia, face ao que considera a injusta glória de Mozart – que fere a sua imerecida mediocridade –, nesse soberbo e dilacerante monólogo, vemos descer sobre o personagem, sobre o palco todo e sobre nós, espectadores, aquela pesada cortina de "majestosa tristeza", de que falava Racine. No débito deste monólogo, Diogo Infante dá bem a medida do seu grande talento. Falando da interpretação do actor Peter Swander, numa produção americana desta peça, um crítico observava: "Ele [o actor] tem uma boa voz e um bom frasear, mas falta-lhe estatura. Se ao menos se pudesse manter bem erecto!" É esta magnífica capacidade de se manter erecto, face a um destino pavorosamente adverso, que dá à interpretação de Diogo Infante toda a grandeza e majestosa tristeza que um grande papel trágico requer.

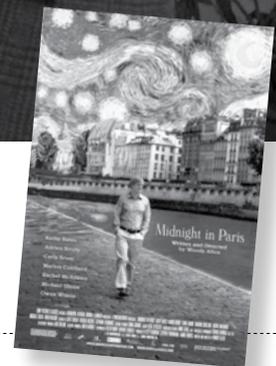
Ivo Canelas, em registo bem diferente, dá-lhe adequada resposta e confere, com espalhafato que baste, à inveja de Salieri, uma quase legitimidade...

Tim Carroll é um encenador que entrevi, num ensaio, aqui há anos, da *Tempestade*, de Shakespeare. É um encenador sensível, inteligente, competente e não invasor. Alguém disse que "há duas espécies de encenadores, no teatro, aqueles que se julgam Deus e aqueles que sabem que são Deus". Tim Carroll não pertence, felizmente, a nenhuma destas duas categorias. Mas tem um domínio completo dessa machine infernale que é o teatro e deu-nos uma soberba encenação de uma peça complexa e sedutora, como é o *Amadeus* de Peter Shaffer.

P. S. – Não há bela sem senão. O programa deste espectáculo magnífico é muito bem organizado e belamente informativo. Mas, até porque se trata de um Teatro Nacional, com particulares responsabilidades, merecia uma melhor revisão, para se evitarem atentados à gramática, como este: "Comecei a ler tudo o que podia acerca de Mozart, por quem sempre supus ser o maior compositor de todos os tempos." Ou este: "...porque na verdade ele tinha medo do pai e tentava sempre agradá-lo..." É óbvio que se não trata de ignorância, mas tão só de má revisão. O tempo, às vezes apertada, mas não convém fiarmo-nos nos deuses...



Maria Antónia Jardim
professora de Psicologia da Arte na UFPessoa



«Meia-noite em Paris»: Um despertador onírico!

Mais uma vez Woody Allen revela o seu carisma psicológico neste seu filme em que o onírico é posto ao serviço do auto-conhecimento e da evolução da consciência da personagem principal. Para se evidenciar a importância do aqui e agora, do tempo presente nas nossas vidas, na nossa contemporaneidade, Woody trata o Sr. Tempo como os Mais o fizeram: como Arte. Por isso, a luz que serve de despertador onírico é da cor da lua, da noite numa cidade como Paris, que é conhecida pela «Cidade da Luz»; neste caso, a cidade que vai fazer despertar uma consciência adormecida, vinda de um outro continente (americano), de outra cultura e que aqui, em Paris, na Europa, encontra a clarificação dos seus medos, das suas ansiedades e dos seus desejos.

O filme funciona como uma verdadeira «matriosca», ao mesmo tempo que o herói viaja dentro de si e para outras épocas da história num

contexto deslumbrante parisiense – La Belle Époque – e nos anos 20; este passado histórico, este *arque* vai corresponder em certa medida ao passado do sujeito, que, aprisionado nas suas memórias, nos seus apegos, nas suas ilusões, tem medo de fazer escolhas no presente.

Esse passado, essa vivência é necessária, em termos de memória e imaginação para que o herói sinta a clarificação do seu vazio, se torne claro o que quer fazer da sua vida e que escolha deve assumir aqui e agora. Ele, que quer, de facto, tornar-se escritor, percebe que é a própria matéria-prima literária, possuidora de tanta matéria-prima psicológica, que lhe fornece as soluções para os seus dilemas e conflitos. O herói percebe que é o discurso literário, a arte como linguagem, o espaço tópico onde ele próprio se revela, onde se re-inventa, se re-interpreta e se re-avalia; a si, às suas escolhas e sentido de vida.

É por isto que quando a nossa personagem oní-

rica re-escreve os primeiros capítulos do seu romance é como se estivesse a re-estruturar-se, a re-escrever-se, a si mesmo e despertasse para uma nova vida.

Neste filme de Woody Allen assistimos àquilo a que Paul Ricoeur denomina de “estrutura pré-narrativa da própria vida” e àquilo que na linguagem de Vygotsky é uma “Janela de aprendizagem”. É no convívio com as personagens, no seu mundo onírico, com Hemingway, Lautrec, Picasso e outros, que o protagonista aprende, se re-descobre numa sequência de “janelas espelhos” em que se confronta com os seus próprios valores, preconceitos e medos.

Esta é mais uma película que o nosso realizador faz funcionar como um despertador onírico e que pode contribuir para educar a consciência do espectador, convidando o ser humano a valorizar a sua contemporaneidade, o seu contexto, aqui e agora, a fazer do tempo: arte de saber viver!



Jorge Sanglard
jornalista, pesquisador brasileiro

A vida no fio da navalha

Billie Holiday (7/4/1915 - 17/7/1959) foi a maior cantora de jazz de todos os tempos. Lady Day chegou a ser chamada de «Lester Young do jazz vocal», numa referência ao grande expoente do sax tenor. E não é para menos, pois ninguém no canto jazzístico foi mais influente e deixou uma contribuição tão significativa quanto Billie. Os 96 anos de seu nascimento, em abril, e os 52 anos de sua morte, em julho, são momentos de reflexão sobre seu papel no universo do jazz moderno.

Sua voz, carregada de emoção, marcou uma inovação determinante no universo do jazz ao insinuar uma interpretação impregnada de lirismo e de sensualidade. A concepção do fraseado de Billie foi única e insuperável. E seu domínio sobre o que cantava foi completo. Nenhuma cantora, até hoje, conseguiu viver a música com a intensidade de Billie. O prazer e a dor, a sofisticação e a marginalização, os grandes clubes e a prisão, a sedução e a melancolia, a suavidade e a exasperação, o sucesso e a discriminação acentuaram os contornos que tornaram o mito Billie Holiday indestrutível.

A droga, a bebida, a prostituição, o racismo e a violência do cotidiano forjaram cicatrizes vivas em Billie e se tornaram determinantes no mosaico que compôs sua trajetória ao longo de 44 anos de vida. Uma vida pessoal sombria e uma performance cultuada como cantora maior do jazz marcaram a ascensão e a queda de Billie Holiday de forma dramática. À medida em que conquistava projeção como artista completa, Billie mergulhava fundo na autodestruição via álcool e droga. Billie lutou contra tudo e contra (quase) todos. Mas não resistiu à pressão que a cercou durante sua meteórica passagem pela vida norte-americana por quase quatro décadas e meia.

O jazz teve em Billie Holiday uma matriz inspiradora inigualável e uma permanente fonte de influências, além de uma cantora que provocou inovações e deixou um rastro invejável. Qualquer referência sobre Billie Holiday é um convite para ouvir seu canto único. Mesmo o mais desavisado, certamente, será seduzido por sua voz docemente amarga e por sua capacidade de viver a música com uma intensidade apaixonante e apaixonada.

INTERPRETAÇÕES ESSENCIAIS

Seu canto continua mais vivo que nunca e, graças às amplas possibilidades tecnológicas oferecidas pela remasterização digital, Billie Holiday vem

tendo grande parte de suas interpretações essenciais resgatadas. Assim, preciosidades gravadas a partir de meados da década 1930 até fins dos anos 50 estão em catálogo e vêm sendo relançadas. Hoje, já se encontra uma grande quantidade de CDs e de LPs traçando um amplo painel da trajetória da cantora mais visceral dos Estados Unidos. Nascida Eleanor Fagan Gough, teve o nome Billie escolhido pela mãe, Sadie, numa homenagem à atriz Billie Dove, e o sobrenome Holiday veio do pai, Clarence Holiday, músico que tocava com Fletcher Henderson.

Billie teve uma adolescência em meio à barra pesada e chegou a ganhar uns trocados fazendo serviços domésticos num bordel até fins dos anos 1920, quando sua mãe levou-a para Nova York. Aí se envolveu novamente em um bordel e após algumas complicações passou a cantar no Harlem, até que em 1933 impressionou John Hammond e este conseguiu que Benny Goodman a ouvisse. Daí para a primeira gravação foi um passo. E um passo decisivo para a carreira meteórica de Billie Holiday. Hammond ouviu Billie cantando no Nnette Moore, um bar clandestino que existia na West 133rd Street. Aos 17 anos, ela era uma desconhecida e, segundo o próprio Hammond, «cantava como se tivesse conhecimento da vida».

A Sony (Columbia) é a detentora de jóias como a primeira gravação da cantora, em 27 de novembro de 1933, em Nova York, a canção «Your mother's son-in-law», com Benny Goodman e sua orquestra trazendo nada mais nada menos que Goodman (clarineta), Charlie Teagarden e Shirley Clay (trompetes), Jack Teagarden (trombone), Art Karle (sax tenor), Buck Washington (piano), Dick McDonogan (guitarra), Artie Bernstein (baxo) e Gene Krupa (bateria).

Esta e outras 152 canções com Billie Holiday, gravadas de 1933 a 1942, integram a coleção «The Quintessential Billie Holiday», composta de nove volumes e que, no Brasil, foi lançada a partir de 1987. Todas as faixas foram remasterizadas digitalmente dos tapes analógicos originais.

As gravações desta fase trazem Lady Day acompanhada por pequenas formações, muitas delas lideradas pelo pianista Teddy Wilson. Cobras do primeiro time do jazz participam dessas primorosas seções: Ben Webster (sax tenor), Roy Eldridge (trompete), Johnny Hodges (sax alto), Harry Carney (clarineta), Lester Young (sax tenor), Freddie Green (guitarra), Jo Jones (bateria), Benny Carter (sax alto), Harry Edson (trompete), Don Byas (sax tenor), Kenny Clarke (bateria), entre outros.





Billie também cantou com Fletcher Henderson, com Jimmie Lunceford, com o grande Count Basie e até com os «brancos» de Artie Shaw. Mas, em 1939, optou por cantar no Greenwich Village, no sofisticado Café Society, e na década de 40 consolidou sua reputação como maior cantora de jazz de seu tempo. O fundamental era como Billie Holiday cantava e não o que cantava.

Ao aliar técnica, flexibilidade e impacto vocal, Billie se credenciou a ser um divisor de águas no canto jazzístico e a influenciar uma legião de cantoras, permanecendo insuperável, principalmente, por sua extraordinária capacidade de transformar tudo o que cantava em música visceral e da melhor qualidade.

SEMPRE CANTOU O QUE VIVÊNCIOU

Poucas cantoras conseguiram, depois de Billie, articular o fraseado jazzístico com o sentido e a precisão de um instrumento como ela. Este aprimoramento de estilo foi conquistado não sem muita dor. Afinal, Billie Holiday sempre cantou o que vivenciou. E toda sua exploração de nuances e sua sutileza interpretativa conviveram no fio da navalha com a turbulência que marcou sua vida e com a rejeição explícita ao racismo.

Todo o sentimento de Billie está expresso em suas gravações e toda a atmosfera que envolvia sua vida pode ser sentida na carne em qualquer canção que tenha passado por sua voz. A sensibilidade em Billie Holiday aflora com impacto fulminante e seduz de cara. Na verdade, Billie acentuava o despojamento e o lirismo. O conceito de arte ganha contornos definitivos quando se ouve Billie Holiday devorar e cantar deliciosamente a essência do jazz.

Mas outras preciosidades gravadas por Lady Day pela Columbia também podem ser encontradas no mercado. Em «Billie, Ella, Lena, Sarah», estão reunidas em 12 faixas Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Lena Horne e Sarah Vaughn. E em «Lady in Satin», a cantora está ao lado de Ray Ellis e sua orquestra, em gravações de fevereiro de 1958, em Nova York.

A Blue Note, representada no Brasil pela EMI, também resgatou gravações de junho de 1942, em Los Angeles, de abril de 1951, em Nova York, e de janeiro de 1954, em Koln, na Alemanha, e lançou o CD intitulado «Billie's Blues», em 1988, contando com as participações de Red Mitchell (baixo), Buddy De Franco (clarineta) e Red Norvo (vibrafone), entre outros. Com gravações ao vivo e em estúdio, este disco tem o mérito de trazer Billie cantando alguns blues da pesada.

A Verve, por sua vez, resgatou gravações da década de 1950 com Billie dominando tudo o que cantava, mesmo com a voz não tendo a força de antes. A maturidade prevalecia, apesar das marcas provocadas pela droga, pela bebida, pelo racismo; enfim, por toda a dor que cercou sua vida. Em «Billie Holiday - The Silver Collection», 14 faixas de 1956 e 1957, gravadas em Los Angeles, mostram a cantora junto a formações de pequeno

porte onde despontam Ben Webster, Harry «Sweets» Edison, Jimmy Rowles e Barney Kessel. Mesmo sendo uma coletânea, a música desta compilação é de grande valor artístico.

«The Billie Holiday Songbook» traz 14 canções gravadas entre 1952 e 1958, com a cantora cercada de feras como Kenny Burrell (guitarra), Oscar Peterson (piano), Freddie Green (guitarra), Ray Brown (baixo), Roy Eldridge (trompete), Coleman Hawkins (sax tenor), Al Cohn (sax tenor), Harry «Sweets» Edison (trompete), Barney Kessel (guitarra), entre outros.

Aqui, o que conta é a alma de Billie Holiday dando mostras de vitalidade incomum e sustentando um corpo dilacerado, desesperançado e autodestruído. A colheita pessoal de Billie Holiday pode ter sido amarga, mas o fruto de sua criação musical foi doce e sedutor como nenhum outro. Billie não só transformava tudo o que cantava, imprimindo sua marca incomparável e inconfundível, como abriu o caminho para as gerações que beberam na sua fonte inesgotável. Por isso, o prazer toma conta de quem a ouve.

E «Last Recording» marca a associação entre Ray Ellis, sua orquestra e Billie Holiday, em Nova York, em 3, 4 e 11 de março de 1959, portanto, quatro meses antes de sua morte aos 44 anos, em 17 de julho. São 12 faixas devastadoras e arrepiantes pela intensidade emocional com que Billie fez questão de se expressar.

Passados 96 anos de seu nascimento e os 52 anos de sua morte, o canto de Billie permanece envolvente, como nos dias em que a dor, o prazer e a emoção caminhavam lado a lado em permanente desafio à lâmina da navalha, que marcou profundamente a trajetória de Billie Holiday.

A própria cantora nunca escondeu o tormento que marcou o início de sua vida. Em «Hear me talkin' to ya», de Nat Hentoff e Nat Shapiro, ela afirma: *“Um dia eu e minha mãe estávamos com tanta fome que mal conseguíamos respirar. Fazia um frio infernal. Eu saí pela porta e andei da 145th Street até a 133rd, descendo a Seventh Avenue, parando em todos os lugares tentando conseguir emprego. Por fim, fiquei tão desesperada que parei no Log Cabin Club, dirigido por Jerry Preston. Eu disse a ele que queria uma bebida. Não tinha um níquel. Pedi gin (esta foi minha primeira bebida – não sabia a diferença entre gin e vinho) e tomei um gole. - Pedi a Preston um emprego, disse a ele que era dançarina. Ele me disse para dançar. Eu tentei. Ele disse que eu fedia. Eu disse a ele que sabia cantar. Ele disse: cante. Num canto do bar havia um sujeito tocando piano. Ele atacou «Trav'lin» e eu cantei. Os fregueses pararam de beber. Eles se viraram e olharam. O pianista, Dick Wilson, passou para «Body and soul». Nossa, você precisava ter visto aquelas pessoas – todas começaram a chorar. Preston se aproximou, sacudiu a cabeça e disse: Garota, você venceu!”*

Foi assim que tudo começou. A partir daí, Billie Holiday mergulhou fundo e pagou um preço alto por sua ousadia.

Programa Ciência sem Fronteiras

Portugal está interessado em participar no Programa Ciência sem Fronteiras, do Governo brasileiro. O secretário de Estado de Ensino Superior, João Filipe Queiró, e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Luís Brites Pereira, já entregaram ao ministro substituto da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil, Luiz Elias, uma proposta nesse sentido e um documento amplo sobre a estrutura das 15 universidades públicas do país. O documento apresenta, em linhas gerais, a possibilidade de estudantes brasileiros virem a participar de programas de doutorado ou pós-doutorado



em universidades nacionais, revela o Executivo brasileiro.

“Acreditamos que Brasil e Portugal podem estar unidos neste projecto por factores como língua comum, pela sinergia entre os países e pelos laços históricos entre as duas nações”, disse o secretário de Estado do Ensino Superior, durante um encontro que decorreu no início deste mês em Brasília. Luiz Elias acrescentou que a proposta pode ser uma ponte importante para o crescimento entre os dois países, tendo em vista que o Ciência sem Fronteiras é um programa ousado do governo para levar o Brasil a ter uma efectiva participação na produção científica, tecnológica e de inovação no mundo.

Investigadora da UM distinguida

A investigadora da Universidade do Minho Alexandra Silva recebeu no passado dia 18 o Prémio Científico IBM. O galardão, no valor de 15 mil euros, distingue autores de trabalhos de investigação para o desenvolvimento das ciências da computação e tecnologias de informação. «Coálgebras de Kleene» é o título do trabalho vencedor desta 21ª edição do prémio. A IBM explica que “a investigação introduz uma nova abordagem sobre a forma de derivar linguagens de expressões regulares para modelos de computação, representando uma evolução em relação aos resultados apresentados nos anos 50 por Kleene, para o modelo mais simples de computação”. É a primeira vez que o prémio distingue uma mulher, no mesmo ano em que a Universidade do Minho se estreia como academia vencedora. A investigadora Mariana Almeida, do Instituto das Telecomunicações, com um trabalho de investigação sobre focagem automática de imagens, foi também distinguida com uma Menção Honrosa.

Universidade de Aveiro divulga ciência e tecnologia

«Quimicómico» vai estar em cena no auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro no dia 28 de Outubro, às 14h00, com uma sessão dedicada exclusivamente às escolas e, no dia 29 de Outubro, às 15h00, para o público geral. Esta peça, que tem na Química o elemento central, é apresentada no âmbito das celebrações do Ano Internacional da Química.

“«Quimicómico» é um espectáculo de teatro cómico, em que a Química é o elemento central de toda a peça. Trata-se de um espectáculo dinâmico, com um discurso muito acessível e efeitos visuais surpreendentes, que promete divertir o público e, ao mesmo tempo, despertar a veia científica de miúdos e graúdos. Mensagens invisíveis, um relógio vegetal, uma máquina de aumentar/encolher coisas, um chuveiro de CO₂, líquidos que mudam de cor, pipocas e bombocas, couve roxa, cores fluorescentes e fosforescentes, alguma sátira social, muita música (toda original) e acima de tudo muito e bom humor, eis os ingredientes para um espectáculo que não deixará ninguém indiferente”, explica a instituição na sua página electrónica. Este espectáculo resulta de uma produção da companhia de teatro «Encerrado para Obras» em co-produção com o Exploratório Infante D. Henrique – Centro Ciência Viva de Coimbra.

A Universidade de Aveiro está igualmente a preparar a 12.ª Edição da Semana Aberta da Ciência e Tecnologia, que, este ano, se realiza de 21 a 25 de Novembro.



A UA afirma que pretende promover a ciência e a tecnologia junto do grande público, através de experiências divertidas, actividades laboratoriais, palestras, saídas de campo e exposições.

Newton Gostava de Ler!

A Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro, em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares, organiza no próximo dia 31 o Encontro «Ciência nas Entrelinhas», no âmbito do projecto «Newton Gostava de Ler!». O evento decorre no auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro, entre as 9h30 e as 17h00, e destina-se ao público adulto. Com este evento pretende-se reflectir sobre a relação entre Ciência e Literatura e divulgar um projecto inovador neste âmbito.



António Augusto Menano
escritor e pintor

50 anos de escrita

Teria onze anos quando escrevi o primeiro poema.

Andava no Liceu Municipal da Figueira e o tema da poesia eram discos voadores. Depois, vieram os poemas de amor, a poesia social, o olhar, a viagem.

Na minha adolescência e juventude li muito, esta Biblioteca, nas suas antigas instalações fez-me amar os livros, as palavras, Camilo Castelo Branco, Júlio Verne e Balzac, os livros que ensinaram França republicana a ler, «Os Mistérios de Paris», «Monsieur Le Cocq», «Rocamboles», Erico Veríssimo, Alves Redol, Aquilino Ribeiro, tantos outros, misturaram-se com «O Mosquito» e «O Cavaleiro Andante».

Lia Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, poesia brasileira, Sophia de Melo Breyner Andersen, descobria as diferenças, entusiasmava-me com «Incomodidade» de Joaquim Namorado. Nem todas as escolhas eram difíceis, mas podiam sê-lo.

Cristina Torres, minha Professora e Amiga deu-me para a mão os livros de Afonso Duarte, ter-me-á ensinado a gostar de Camões. Marcos Viana falava-me de Malarmé. Descobria François Villon e Jacques Prévert.

Em Abril de 1961, publiquei o meu primeiro livro, «Tempo de Voar», nas edições Gaivota, da Cruz & Cardoso, onde já havia livros de Teixeira de Pascoaes e Ilídio Sardoeira. Sem pressa, os livros, dezasseis, foram saindo, em Portugal e em Macau. Na gaveta uma dezena, a aguardarem.

A crítica tem-me recebido bem: João Gaspar Simões, Álvaro Salema, Eugénio Lisboa, Ramiro Teixeira, Luís Serrano, António Augusto Sales, Arsénio Mota, Nelson de Matos, Alfredo Guisado, Santos Simões, José Carlos de Vasconcelos, Manuel de Almeida (em Macau), José Vialle Moutinho, Serafim Ferreira, Júlio Conrado, António Cabral, Idalécio Cação, Garibaldi de Andrade (em Angola), Rocha Filho (no Brasil), Azevedo Martins, Joaquim Montezuma de Carvalho, Fernando Fausto de Almeida, José Bento, Pereira da Silva, Rocha Neves, Pedro de Sagunto, Orsini de Miranda, Pereira da Silva, Eugénio Nogueira, entre outros.

Pelo caminho, três Prémios Nacionais de Poesia, algumas menções, um prémio de conto, representação em mais de uma dezena de antologias, algumas das quais retiradas da venda pelo regime salazarista, refiro três destes, «Poesia Portuguesa do Pós Guerra-1945-1965» (Editora Ulisseia), «Hiroxima» (Nova Realidade-1967), «Vietname» (Nova Realidade, 1970).

Em 1962, César de Oliveira, Fernando Assis Pacheco, Ferreira Guedes, Francisco Delgado, José Carlos



de Vasconcelos, Manuel Alegre, Rui Namorado, Rui Polónio de Sampaio, e eu, publicámos, em Coimbra, com capa de Mário Silva, «A poesia útil», cuja venda se destinou a apoiar a luta académica contra a ditadura.

Houve momentos de muita alegria: Virgílio Ferreira montava um poema com versos do meu segundo livro, «Tempo Vivo», e enviava-mo, Jorge Amado mandava-me uma carta para Macau falando-me de «Poemas do Oriente», José Cardoso Pires escrevia-me sobre «Qual o começo de Tudo Isto?», Manuel Ferreira oferecia-me um prefácio; conversas em Macieira de Cambra e Lisboa com Ferreira de Castro e Assis Esperança, a amizade dos poetas espanhóis Juan Ruiz Peña e José Ledesma Criado, o recebimento de um livro com dedicatória do poeta francês Guillevic.

Nos anos sessenta acompanhei os movimentos “pânico”, dirigido pelo meu amigo Carlos Faria e “desintegracionista”, do sempre companheiro Fernando Grade, mas sem grande participação.

Não posso esquecer os primeiro e quarto encontros dos Suplementos e Páginas culturais, na nossa cidade que co-organizei, e que acabaram proibidos pela ditadura.

A memória vai mudando, e o que recordamos muda-nos.

Cada vez sei melhor que o que conta é a viagem, não o destino, as recordações constroem o meu tempo, dão-me o sumo.

As pontes que vou atravessando, são a minha baleia branca, com fome de amizade, de liberdade, à espera do calor da chama da fogueira maior, a poesia.

O que escrevo tem as suas raízes no espaço e no tempo, no espaço exterior, físico, e no espaço interior, por vezes tumultuoso; sei que a natureza abomina o

A próxima exposição de António Augusto Menano será em Coimbra, na Galeria de Arte e Centro de Mutualismo (R. Dr. Manuel Rodrigues, n.º 5), infra-estrutura da associação mutualista A Previdência Portuguesa. «Convocações», composta por 16 obras, será inaugurada no dia 4 de Novembro, pelas 18 horas, e estará patente até ao dia 29.

vácuo, e que uma diferença que não faz a diferença não é uma diferença, e que uma poesia sem gente dentro não é poesia.

Sempre me preocupei com o social, nos meus primeiros poemas havia uma aproximação ao neorealismo, e a Neruda, mas Álvaro de Campos e os surrealistas estiveram sempre comigo.

A infância, a imaginação a trabalhar a memória a fuga dos equívocos, a ilusão da literatura, a cor enchem-me os dias.

Conheci poetas que admirava, Edmundo Bettencourt, Herberto Helder, José Gomes Ferreira, Daniel Filipe, Luísa Neto Jorge, Carlos de Oliveira, António Ramos Rosa.

Em Almada Negreiros soube que “A alegria é a coisa mais séria da vida”, mas sempre acreditei que o mal nunca prescreve.

Um poema japonês “Se somos todos irmãos porque é que os mares estão tão revoltados?”, confirmou-me que nunca deveremos aceitar as injustiças e a miséria, procurei lutar contra elas.

Hoje, agradeço esta honra com que a Câmara da Figueira da Foz, a minha cidade, me distinguiu, a medalha de Mérito Cultural. Para António Pedro Pita, velho amigo, um abraço de reconhecimento.

Recordo, neste momento, e gostava que os meus Pais, e gostava que os meus filhos e netos aqui estivessem.

Quero deixar aqui um beijo à minha mulher e companheira de 49 anos Maria do Céu, e referir com muita felicidade a presença de amigos neste momento.

NOTA:

Texto lido no Auditório Municipal da Figueira da Foz, por ocasião da entrega da medalha de Mérito Cultural da cidade, pelos 50 anos de publicação de António Augusto Menano.

Poesia em Paranhos

«A Poesia anda no ar...» prossegue no próximo dia 5 – primeiro sábado de Novembro – com a poetisa Cecília Meireles, cuja apresentação estará a cargo do também poeta Jorge Vieira. No formato habitual, a sessão decorre entre as 16 e as 18 horas. Simultaneamente será inaugurada a exposição «Um mês um poeta», de poetas retratados por Armando Magno. A última sessão de «A Poesia anda no ar...» deste ano terá lugar a 3 de Dezembro com «O Natal de todos os poetas».

Educação e Línguas

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto leva a cabo, nos dias 4 e 5 de Novembro, um Colóquio Internacional que possibilite dar conta de investigações, reflexões e intervenções sobre «Educação e Línguas - Questões de Identidade, Docência e Avaliação», nas suas diferentes emergências, em contextos formais e informais de aprendizagem, recobrando públicos de todas as idades e de múltiplos perfis (culturais, linguísticos, cognitivos, entre outros) e equacionando aquilo que a Escola (de distintos níveis de ensino) vivencia, nos dias de hoje, a favor de um mundo sustentável e inclusivo. Serão dois dias dedicados à reflexão participada e crítica em torno de questões como «Que papel tem, hoje, a formação (inicial, contínua, especializada) de professores de Línguas (Maternas, estrangeiras, segundas...) na compreensão de questões identitárias?» ou «Como se operacionaliza, na Educação em Línguas deste século XXI, o diálogo entre o Eu, o Tu e o os(as) Outros(as)?». Aberto a todos os interessados, o colóquio destina-se em especial a profissionais ligados ao ensino.

Em prol do Português no mundo

O Centro Lusófono Camões da Universidade Estatal Pedagógica Herten, de São Petersburgo, Rússia, luta com bastantes dificuldades para manter uma biblioteca de autores brasileiros, portugueses e africanos de expressão portuguesa. Várias instituições brasileiras já se prontificaram a enviar livros, como a Academia Brasileira de Letras, a Academia Brasileira de Filologia e a Editora Cultrix, de São Paulo, além da Edizioni Urogallo, de Perugia, que edita autores lusófonos. A chamada de atenção é feita por Adeldo Gonçalves, assessor cultural e de imprensa do Centro.

Colóquio na Universidade de Lisboa

O Colóquio Internacional de Literaturas de Língua Portuguesa para Crianças e Jovens decorre hoje e amanhã (dias 26 e 27) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este evento – organizado pelos Grupos de Investigação 1, 2 e 6 do CLEPUL – visa reunir escritores, estudiosos, professores e estudantes de Letras e Pedagogia para análise e debate de questões relacionadas com a literatura para crianças e jovens, produzida no Brasil, em Portugal, em Angola, Cabo Verde e Moçambique a partir do século XX. Em complemento com as sessões de trabalho, estão a decorrer diversas actividades em escolas cooperantes da Universidade



de Lisboa, bem como uma feira do livro infanto-juvenil (até 30 de Outubro na FLUL) e uma exposição de ilustração de Danuta Wojciechowska (até 31 de Outubro na Biblioteca da FLUL).

Mia Couto “alargou os horizontes da Língua Portuguesa”

O escritor moçambicano Mia Couto é o vencedor da sétima edição do Prémio Eduardo Lourenço, no valor de 10 mil euros, atribuído pelo Centro de Estudos Ibéricos (CEI). Instituído em 2004, o prémio anual, que tem o nome do ensaísta Eduardo Lourenço, mentor e presidente honorífico do CEI, destina-se a galardoar personalidades ou instituições, portuguesas ou espanholas, “com intervenção relevante no âmbito da cooperação e da cultura ibérica”. O júri considera que Mia Couto “alargou os horizontes da língua portuguesa e da cultura ibérica”. João

Gabriel Silva disse à agência Lusa que a distinção foi entregue ao escritor Moçambicano “por unanimidade e aclamação”, num conjunto de 15 concorrentes, pela importância que a sua obra representa “para o espaço ibérico. Todos reconhecemos a sua enorme contribuição para a cultura ibérica. Acho que é uma excelente escolha, é alguém que enormemente engrandece a cultura portuguesa e ibérica”. A sessão solene de entrega do galardão terá lugar a 26 de Novembro, na Guarda, por ocasião das comemorações do 11.º aniversário do CEI.

Juliette Prillard recria Odisseia de Ulisses

Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura acolhe até Dezembro a residência artística da encenadora francesa Juliette Prillard e da companhia «La Fabrique des Arts d'à Côté». O grupo de Juliette Prillard apresenta dois divertidos espectáculos de marionetas – que já percorreram inúmeros países – e que são dirigidos a maiores de três anos. A encenadora francesa será ainda responsável pela produção de um espectáculo, a convite da Capital Europeia da Cultura. Apelidada de «L'Odysée rève ou Ulysse en personne», a encenação original explorará o conto épico de Homero e será apresentada nos dias 9, 10 e 11 de Dezembro de 2011, em Guimarães.

20 anos de Guimarães Jazz

O Guimarães Jazz, que cumpre este ano 20 anos de existência, apresenta no concerto de abertura, no dia 10 de Novembro, Roy Haynes Fountain of Youth Band – quarteto formado pelo baterista Roy Haynes, o pianista Martin Bejerano, o contrabaixista David Wong e o saxofone alto Jaleel Shaw. Este espectáculo constitui um momento de cruzamento geracional entre um representante do passado vivo do jazz e jovens instrumentistas. No dia de encerramento (19 de Novembro) estão previstos dois concertos: Big Band da ESMAE e Martial Solal New Decaband. Todos os concertos do Guimarães Jazz acontecem no Centro Cultural Vila Flor, às 22h00, excepto o concerto da Big Band da ESMAE que se realiza às 18h00.

FMO com inscrições abertas

As inscrições para a 1.ª edição do FMO – Festival Multimédia de Ovar, que irá decorrer de 21 a 25 de Novembro, encontram-se abertas até 31 de Outubro. Este festival tem por objectivo premiar o talento e a criatividade na área do multimédia, pelo

que a organização admite projectos em expressões como animação, vídeo arte, vídeo performance, instalação, entre outros. A ficha de inscrição está disponível no Centro de Arte de Ovar e no site <http://fmo.cm-ovar.pt> para consulta e download.

«AliBaBach» na Casa das Artes

Inspirado no universo musical de Bach, a segunda sessão do espectáculo «AliBaBach» sobe ao palco da Casa das Artes, de Vila Nova de Famalicão, nos dias 19 e 20 de Novembro. Destinado a pais e bebés até aos 4 anos, o espectáculo expõem os mais novos a estímulos musicais ricos e contrastantes e a elementos basilares da construção do discurso musical e da sua compreensão (como padrões melódicos e rítmicos), em que se promovem interações e a comunicação entre pais e bebés através de jogos baseados em elementos musicais. AliBaBach foi construído a partir das variações Goldberg, num exercício livre em que elementos de cada uma das variações deram origem a novos quadros que conjugam música, dança e teatro.

THSC acolhe Palmilha Dentada

O Teatro Helena Sá e Costa (THSC), no Porto, passou a ter, pela primeira vez numa história de 11 anos de existência, uma companhia residente: a Palmilha Dentada. Os responsáveis do THSC explicam que a parceria reposiciona a sala enquanto estrutura de acolhimento de espectáculos com carreiras longas, o que garante um forte alargamento e rejuvenescimento dos públicos de teatro do Porto, e é uma tentativa de enfrentar a crise que assalta não só o mercado de trabalho como o sector cultural em geral. Já a palmilha dentada acredita que vai potenciar a melhoria das condições de trabalho, uma vez que, acusa, “o grupo nunca obteve qualquer apoio por parte do Ministério da Cultura e nunca teve uma casa própria”. «Dimas e Gestas – Um espectáculo para crucificados» será primeira peça no âmbito da parceria e terá lugar em Janeiro de 2012.

O Teatrão com dois espectáculos

Nos próximos dias 28 e 29 de Outubro, a companhia O Teatrão apresenta, na sala principal e no café concerto do Cine-Teatro Constantino Nery, Matosinhos, dois dos seus espectáculos: Dom Quixote (de Coimbra) e Single Singers Bar. O primeiro, no dia 28, é “um espectáculo popular, que envolve o público numa viagem de proporções épicas entre o Mondego e a Lua acompanhando as aventuras do cavaleiro de La Mancha, numa demanda comandada pela imaginação”. Single Singers Bar, dia 29, “recria um cabaré dos anos trinta habitado por personagens solitárias que cantam para espantar os seus males”.

«Jojo, o Reincidente» no TNSJ

O Teatro da Rainha apresenta no Teatro Nacional São João, Porto, até 29 de Outubro, o espectáculo para a infância «Jojo, o Reincidente», do francês Joseph Danan, com encenação e cenografia de Fernando Mora Ramos e Paulo Calatré. Segundo o encenador Fernando Mora Ramos, “a peça de Joseph Danan é uma viagem pelos direitos e liberdades concretos

da infância. Jojo é um inventor que se inventa a si mesmo, se escreve. É nesse afrontar da norma, na reincidência, que a vontade se quebra ou reforça para as provas da vida. A reincidência é esse passo de liberdade que se treina e que, transformando-se em resistência, gera uma visão do mundo e um comportamento através da imaginação que age”.

PAULO NUNO SILVA



Escolas no Teatro

O Teatro Carlos Alberto, Porto, acolhe até ao próximo dia 29 a segunda edição de Escolas no Teatro, uma exposição no âmbito de um projecto educativo organizado e promovido pelo Teatro Nacional São João ao longo do ano lectivo 2010/2011. Este programa educativo consiste na produção de projectos de natureza plástica e escrita que surgem da experiência de assistir a espectáculos e ensaios de peças, participar em conversas com criadores ou conhecer o TNSJ, desde os bastidores às oficinas, passando pelas zonas técnicas. A exposição é coordenada por Luísa Corte-Real, responsável pelos projectos educativos do TNSJ, e envolve uma dezena de escolas.

TNDMII com sessões solidárias

O Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, num gesto de solidariedade para com a Casa do Artista, irá promover, no dia 1 de Novembro, sessões extra dos espectáculos Amadeus e As Lágrimas Amargas de Petra von Kant, cuja receita irá reverter a favor deste espaço. Fundada em 1999 por Armando Cortez e Raul Solnado, a Casa do Artista é uma instituição particular de solidariedade social que presta serviços aos artistas idosos. As suas instalações incluem uma galeria de arte, o Teatro Armando Cortez, salas para formação e um centro de fisioterapia. A Casa do Artista tem como principais objectivos apoiar, promover e dignificar os artistas portugueses.

Dança no Maria Matos

O Teatro Maria Matos, Lisboa, apresenta nos próximos dias 28 e 29, às 21h30, duas das criações de Nacera Belaza, dançadas com a sua irmã Dalila Belaza: Le Cri (O Grito) e Les Sentinelles (As Sentinelas). A obra artística da coreógrafa argelina Nacera Belaza é fortemente determinada por um percurso autodidata, à procura de uma conciliação entre o seu amor pela dança e a sua fé. “Um convite à descoberta de uma dança minimal e austera, uma poética do vazio”.

AGATHE POUPFENEY



Filme sobre Guerra Junqueiro

A Universidade Católica no Porto apresenta no dia 15 de Novembro o documentário «Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro», realizado por Henrique Manuel Pereira e produzido pelo departamento de Som e Imagem da Escola das Artes da instituição. Esta longa-metragem retrata a vida, as polémicas, a obra, o pensamento e o legado cultural de Guerra Junqueiro. Resultado de mais de 100 horas de filmagens e de 30 horas de entrevistas, o filme conta com depoimentos de mais de cinco dezenas de personalidades, entre as quais Eunice Muñoz, Ruy de Carvalho, Manoel de Oliveira, Nuno Júdice, Eduardo Lourenço, Mário Soares ou D. Manuel Clemente. A estreia, agendada para as 21h30, decorre no Auditório Ilídio Pinho da Universidade.

Mostra de cinema português no Brasil

O Curta Cinema – Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro, um dos mais importantes festivais dedicados à curta-metragem, programou uma extensa retrospectiva de filmes portugueses, denominada «FOCUS ON PORTUGAL». O Festival terá lugar de 28 de Outubro a 6 de Novembro. No âmbito deste extenso programa, a Agência da Curta Metragem, em colaboração com o Curta Cinema – Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro, o Curtas Vila do Conde, o Indie-Lisboa e o Onda Curta da RTP, programou um conjunto de 5 sessões. Para além disso, o Curta Cinema convidou o cineasta Miguel Gomes para ser o realizador «IN FOCUS» e a produtora O Som e a Fúria para uma apresentação especial, em colaboração também com a Agência.

Academia Sénior do IPVC

A Academia Sénior do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) tem inscrições abertas para o Ano Lectivo 2011/2012 até 30 de Novembro. Com um plano curricular que se estende por três anos, a Academia Sénior do IPVC propõe a todos os participantes um programa de formação com unidades curriculares fixas e outras optativas, que serão seleccionadas de acordo com os interesses dos formandos. Psicologia, Comunicação Interpessoal, Motricidade Humana, Ecologia e Meio Ambiente, História das Artes, Literatura Portuguesa, são algumas das unidades curriculares obrigatórias a serem ministradas ao longo dos três anos. Os participantes poderão, ainda, inscrever-se em disciplinas optativas como, Informática, Atelier de Cerâmica ou Pintura, Culinária, Teatro, Dança, Música, entre outras.

«Falácia» a partir do dia 29

A Seiva Trupe leva à cena a obra teatral «Falácia», de Carl Djerassi, na sala principal do Teatro do Campo Alegre, no Porto. A peça estreia no sábado (29 de Outubro), com direcção de Júlio Cardoso e António Reis, Clara Nogueira, Joana Esteves, Joana Estrela, Joel Sines e Jorge Loureiro no elenco. Nesta obra poderá assistir a um debate vivo, audacioso e cativante, com sentimentos amorosos a cruzarem-se... Num importante museu europeu, em Viena de Áustria, encontra-se a estátua em bronze de um rapaz nu, atribuída à era romana e que é considerada a jóia da coroa do museu. Mas a ciência, através de análises químicas, desmistifica aquela era. Repentinamente aquela estátua perde anos de existência e consequentemen-

te valor, remetendo-a para a era renascentista. O espectáculo está inserido nas comemorações do Centenário da Universidade do Porto, no Ano Internacional da Química e também no 70.º aniversário da Liga Portuguesa contra o Cancro. O autor estará presente na estreia da peça, que estará em cena até ao dia 30 de Novembro, e a UPorto aproveitará a sua presença para o distinguir com o grau de Doutor Honoris Causa. Carl Djerassi, para além de ser autor de importantes obras teatrais, é um dos poucos cientistas que mereceram tanto a National Medal of Science (em 1973, pela descoberta da «pílula») como a National Medal of Technology. Mas muitas homenagens e títulos fazem parte do seu currículo.

Lisbon & Estoril Film Festival

O Lisbon & Estoril Film Festival (LEFF), que decorre de 4 a 13 de Novembro, vai abrir com duas antestreias nacionais: «The Ides of March», de George Clooney, e «Restless», de Gus Van Sant. O festival vai encerrar com «La Piel que Habito», o filme que realizador espanhol Pedro Almodóvar levou ao Festival de Cannes em Maio passado. Em competição vão estar na edição deste ano do LEFF 12 filmes. O festival vai ainda envolver diversas vertentes das indústrias culturais para além do cinema, como as artes plásticas, a música e a literatura. Já o simpósio internacional «Os direitos de autor na era da Internet: que futuro para as indústrias culturais?» trará a Portugal o ministro da Cultura francês, Frédéric Mitterrand, e o habitual Encontro das Escolas de Cinema Europeias reunirá alunos e professores da Hungria, Irlanda, Alemanha e Portugal.

Prémio LeYa: «O teu rosto será o último»

O romance «O teu rosto será o último», do escritor João Ricardo Pedro, venceu o Prémio literário LeYa, no valor de 100 mil euros. No anúncio do vencedor, o presidente do júri, Manuel Alegre, disse que este foi um dos prémios Leya mais disputados, tendo sido escolhido João Ricardo Pedro «por maioria». O autor, lisboeta de 38 anos, não tem obra publicada e é licenciado em Engenharia Eletrotécnica. Sobre o livro, o júri salientou a «composição delicada de histórias autónomas, que se traçam em fios secretos», considerando que o romance, «apoiado em imagens fortes, constrói um perturbador painel do presente português». Os jurados sublinham ainda o «referencial erudito» e o «poder de imaginação» que o romance, a publicar pela Leya, evidencia.

Lembrar Adriano

Os músicos Carlos Andrade, José Silva e João Teixeira lembram amanhã (27 de Outubro) Adriano Correia de Oliveira. A sessão de homenagem terá lugar no Vivacidade - Espaço Criativo, pelas 17 horas. Intérprete de Fado de Coimbra e músico de intervenção, Adriano Maria Correia Gomes de Oliveira nasceu a 9 de Abril de 1942 e gravou o seu primei-

ro EP em 1963, acompanhado por António Portugal e Rui Pato. Era o disco «Fados de Coimbra», que continha a interpretação de 'Trova do vento que passa', poema de Manuel Alegre, e que se tornaria uma espécie de símbolo da resistência dos estudantes à ditadura. Morreu aos 40 anos (a 16 de Outubro de 1982).

Analisadas alternativas à subida do IVA

Um grupo de agentes culturais formalizou a criação de uma comissão para apresentar ao Governo propostas alternativas ao aumento do imposto sobre o valor acrescentado (IVA) de seis para 23 por cento nos espectáculos. Figuras públicas, ligadas à música, ao cinema e ao teatro, e profissionais que integram a estrutura dos espectáculos, decidiram criar uma comissão para delinear propostas para entregar ao Governo, de forma a evitar o aumento do IVA

no preço dos bilhetes dos espectáculos e do cinema, durante um encontro realizado no passado dia 20 no Coliseu de Lisboa. A comissão integra, entre outros, representantes das promotoras de teatro e música UAU e Everything is New, da Sociedade Portuguesa de Autores, dos coliseus de Lisboa e do Porto, do Campo Pequeno, do sindicato dos profissionais dos espectáculos, da associação Música PT e da Academia Portuguesa de Cinema.



“Uma busca pelo sentido da vida”

«As Quatro Estações – Memórias de um Portugal Maior», da autoria de José Maria Rodrigues da Silva, é dado a conhecer pela primeira vez no próximo dia 30, em Ponta Delgada, nos Açores. Uma «espécie» de pré-lançamento que aproveita a realização na ilha do 9.º Congresso dos Juizes Portugueses – o autor foi presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses – e o convite do Governo local – uma das personagens do livro passa a velhice nos Açores. No entanto, o lançamento oficial será feito no dia 16 de Novembro, no Museu do Oriente, em Lisboa, e terá apresentação de Bigotte Chorão. «As Quatro Estações», com chancela da Editora Âncora, aborda a “gesta portuguesa” e “é uma busca pelo sentido da vida”, segundo o próprio autor. A escrita de José Maria Rodrigues da Silva, que conta com vários livros publicados, tem privilegiado a reflexão multidisciplinar sobre o poder e a modernidade e abarca o ensaio, a ficção, a poesia, o teatro e agora o romance.

«Com o cachimbo do meu pai»

O livro de poesia de Carlos Carranca «Com o cachimbo do meu pai» será apresentado hoje (26 de Outubro), pelas 18h30, na sede da Sociedade da Língua Portuguesa, em Lisboa. A apresentação estará a cargo de Elsa Rodrigues dos Santos, presidente da entidade anfitriã. No dia 9 de Novembro, a SLP acolhe nova conferência, desta feita com a leitura dramática da peça de João d'Ávila «Um crime em Nova Iorque».

Biografia de Carlos Paião

O jornalista Joaquim Letria apresenta no próximo dia 5 de Novembro, às 17 horas, na Fnac Chiado em Lisboa, a biografia do cantor e compositor Carlos Paião (1957-1988), de Nuno Gonçalo da Paula. «Intervalo – Biografia de Carlos Paião» resulta da segunda investigação de Nuno Gonçalo da Paula no campo da música portuguesa contemporânea, após a publicação da obra «Nóbrega e Sousa – Música no Coração». Para 12 de Novembro está marcada a apresentação em Ílhavo.



Guia das relações Portugal-Antuérpia

«Portugal & Antwerpen», de Anne Quataert e Frédéric Wille, será apresentado a 9 de Novembro, às 19 horas, no Magdenhuis Museum, em Antuérpia (Bélgica). O livro é um guia de visita, perspectivado na antiga e forte presença de Portugal naquela cidade, entre 1500-1648. As marcas visíveis e ocultas da “nação mais favorecida”, a que contribuiu decisivamente para que Antuérpia tivesse sido, na época, o maior porto de trato comercial de produtos do Oriente na

Europa, das especiarias em particular. O guia indica onde se encontram hoje certas referências ainda visíveis de um passado comum flamengo-português. A apresentação – que tem inscrição prévia obrigatória para anne.quataert@skynet.be – é antecedida por uma visita ao Museu e concluída com um vinho de honra. A obra é uma co-edição da Embaixada de Portugal e da Orfeu, com o apoio do Instituto Camões, e é trilingue (Português, Francês e Holandês).

UTAD lança Concurso Arte Escrita

O Ciclo Cultural da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) vai abrir de 4 a 24 de Novembro o Concurso Arte Escrita, dirigido aos alunos desta academia. Partindo da exposição pictórica de Fernando Barros «Guerra aos Porcos», constituída por 8 quadros, em exibição no espaço do Ciclo Cultural da UTAD de 3 a 25 de Novembro, os alunos são convidados a criar um texto – uma frase, um poema ou um conto – inspirado na obra pictórica de Fernando Barros. Os textos, que têm de estar identificados com o nome do autor, número mecanográfico, ano escolar e curso da UTAD, devem ser depositados numa urna colocada na secretaria do Departamento de Letras,



«Sangue para a sarrabulhada»

Artes e Comunicação. O prémio para o melhor texto é um quadro da colecção exposta à escolha do vencedor e os resultados serão divulgados no dia 7 de Dezembro em: <http://www.cicloculturalutad.blogspot.com>. O júri do concurso é constituído pela coordenadora do Ciclo Cultural da UTAD, Olinda Santana, e pelo pintor Fernando Barros.

100 crónicas de sonhos e angústias

“Há um tempo que não volta, a não ser no pensamento. Essa consciência – que se vai adquirindo e aquilatando à medida que Cronos, cruel e impassível, vai passando por nós – faz com que, muitas vezes, a escrita funcione como asa de revolta consumida em fogo lento. É o caso do livro Mogincual”. Este é o olhar de Adriano Basto sobre o conjunto de 100 crónicas que Isabel Bruma (pseudónimo de Maria Manuela Barreiros Salvador Cunha) publica em livro e que será apresentado no dia 5 de Novembro. A apresentação

estará a cargo de Adriano Basto, na Fnac do Norteshopping (Senhora da Hora), pelas 18 horas. A autora explica no Preâmbulo que “«Mogincual» pretende ser, através das suas personagens, a história da vida: sonhos, angústias, frustrações, vitórias. Também amor ou desamor”. Isabel Bruma escreve ainda que “quando escrevia estas histórias [as que integram a publicação pela Chiado Editora], vinham-me algumas vezes à memória as imagens daquela terra que não vou esquecer”.



SERÕES DA
Bonjóia
Tertúlias à moda do Porto

ENTRADA LIVRE
até ao limite da lotação da sala

PROGRAMA NOVEMBRO

Quintas-feiras às 21h15

- 03** Ciclo Sobre Assuntos Europeus
“Democracia, Economia, Estado e Território: Portugal e a EU”
Leonardo Costa

- 10** Ciclo Porto Cidade de Ciência
“Engenharia de Perfumes”
Alírio Rodrigues

- 17** Ciclo Sobre Assuntos Europeus
“Ano Europeu do Voluntariado: um balanço”
Fernanda Freitas

- 24** Ciclo da Actualidade
“Reformar as Autarquias: em que direcção”
Castro Almeida

